



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ALEX MARTINS DIAS

**CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE  
AULA:  
PROPOSTAS DE ATIVIDADES COM A LITERATURA  
INFANTIL E JUVENIL**

---

Londrina  
2016

ALEX MARTINS DIAS

**CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE  
AULA:  
PROPOSTAS DE ATIVIDADES COM A LITERATURA  
INFANTIL E JUVENIL**

Dissertação apresentada para o Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS - da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de mestre.

Orientador: Profa. Dra. Maria Carolina de Godoy

Londrina  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Dias, Alex Martins Dias .

CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE AULA: PROPOSTAS DE ATIVIDADES COM A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL / Alex Martins Dias Dias. - Londrina, 2016.

90 f. : il.

Orientador: Maria Carolina de Godoy Godoy.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016. Inclui bibliografia.

1. Ilustrações de livros. - Tese. 2. Ilustrações de animais. - Tese. 3. Imagens de personagens. - Tese. I. Godoy, Maria Carolina de Godoy. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

ALEX MARTINS DIAS

**CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE AULA:  
PROPOSTAS DE ATIVIDADES COM A LITERATURA INFANTIL E  
JUVENIL**

Dissertação apresentada para o Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS - da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de mestre.

Orientador: Profa. Dra. Maria Carolina de Godoy

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Profa. Dra. Maria Carolina de  
Godoy  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Sonia Pascolati  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Nelci Alves Coelho Silvestre  
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Londrina, 16 de dezembro de 2016.

DIAS, Alex Martins. **Cultura africana e afro-brasileira em sala de aula: propostas de atividades com a literatura infantil e juvenil**. 2016. 59 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

## RESUMO

Esta pesquisa traz como tema a inserção da literatura infantojuvenil de temática negra em sala de aula. Esta proposta visa contemplar a Lei nº 10.639/2003, com o objetivo de apresentar essas obras para alunos do ensino fundamental, como uma proposta de interação e inserção dessa literatura no universo escolar. Busca-se também, divulgar por meio da pesquisa científica as obras de escritores da literatura afro-brasileira, tão pouco conhecida e divulgada no Brasil. Assim, têm-se como objetivos: a) destacar a importância de inserir e estudar obras de literatura infantojuvenil de temática negra em sala de aula; b) apresentar propostas de atividades (material didático) a partir de contos que compõem o *corpus* desta pesquisa; c) propor sugestões de trabalho com a temática em sala tendo a literatura infantojuvenil como objeto de estudo e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Literatura infantojuvenil. Africanidades. Cultura. Educação étnico-racial.

DIAS, Alex Martins. **African and Afro-Brazilian culture in the classroom: proposals for activities with children's and youth literature.** 2016. 59 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

### **ABSTRACT**

This research brings as a theme the insertion of Afro-Brazilian literature in the classroom. This proposal also aims to contemplate the Law 10.639 / 2003, with the purpose of presenting these works to elementary school students, as a proposal of interaction and insertion of this literature in the school universe. It also seeks to disseminate through scientific research the works of writers of Afro-Brazilian literature, so little known and disseminated in Brazil. Thus, the objectives are: a) to emphasize the importance of inserting and studying works of children's and juvenile literature with black themes in the classroom; B) to present proposals of activities (didactic material) from short stories that make up the corpus of this research; C) to propose suggestions for working with the theme in the classroom, with the child and youth literature as an object of studying and learning.

**Key words:** Children's literature. Africanities. Culture. Ethnic-racial education .

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	– Sikulume e outros contos africanos.....	37
<b>Figura 2</b>	– Histórias da Preta.....	38
<b>Figura 3</b>	– Ndule, Ndule assim brincam as crianças africanas.....	39
<b>Figura 4</b>	– Os sete novelos de um conto de Kwanzaa .....	39
<b>Figura 5</b>	– A História da Menina que não respeitou a Tradição Ntonjane e o que aconteceu com Ela.....	47
<b>Figura 6</b>	– Ilustração do Continente Africano .....	58
<b>Figura 7</b>	– A princesa e o sapo.....	61
<b>Figura 8</b>	– Cleópatra.....	62
<b>Figura 9</b>	– Brincadeira de criança.....	64
<b>Figura 10</b>	– Leão .....	67
<b>Figura 11</b>	– Galinha d'angola .....	68
<b>Figura 12</b>	– Os Sete Novelos – Um Conto de Kwanzaa.....	74
<b>Figura 13</b>	– Simbologia Adinkra .....	77
<b>Figura 14</b>	– Simbologia Adinkra .....	78
<b>Figura 15</b>	– Estampas Simbologia Adinkra .....	78
<b>Figura 16</b>	– O Baobá: a árvore da vida .....	82

## LISTA DE TABELAS

<b>Quadro 1</b>	–	Etapas Iniciais .....	54
<b>Quadro 2</b>	–	Módulo 01 .....	59
<b>Quadro 3</b>	–	Módulo 02 .....	64
<b>Quadro 4</b>	–	Módulo 03 .....	69
<b>Quadro 5</b>	–	Módulo 04 .....	79

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1</b> <b>POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS</b> .....	14
<b>2</b> <b>CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS</b> .....	20
2.1    EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: ESPECIFICIDADES DA LITERATURA AFRO- BRASILEIRA .....	22
2.2    LITERATURA JUVENIL E A LITERATURA INFANTOJUVENIL AFRO-BRASILEIRA .....	26
2.2.1   A presença do negro na literatura infantojuvenil .....	27
2.2.2   A ilustração na literatura infantojuvenil de temática negra.....	31
2.2.3   Literatura infantil e Literatura juveni: uma breve reflexão .....	34
2.2.4   Literatura infantil e juvenil afro-brasileira: uma breve reflexão.....	35
<b>3</b> <b>APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i></b> .....	37
<b>4</b> <b>METODOLOGIA</b> .....	42
<b>5</b> <b>ANÁLISE DO CONTO</b> .....	44
5.1.    “A HISTÓRIA DA MENINA QUE NÃO RESPEITOU A TRADIÇÃO NTONJANE E O QUE ACONTECEU COM ELA” .....	44
<b>6</b> <b>GÊNEROS NA ESCOLA E A SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b> .....	48
6.1    SEQUÊNCIA DIDÁTICA .....	52
6.2    DEFINIÇÃO DE GÊNERO TEXTUAL .....	53
6.3    MODELO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A INSERÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL DE TEMÁTICA NEGRA NO CONTEXTO ESCOLAR. ....	53
<b>7</b> <b>ANÁLISE DOS DADOS – IMPLEMENTAÇÃO PARCIAL DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NA ESCOLA</b> .....	85
<b>8</b> <b>EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL</b> .....	88

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....91**

**REFERÊNCIAS.....93**

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa traz como tema a inserção da literatura infantojuvenil de temática negra em sala de aula tendo em vista a importância e a necessidade de apresentar essa literatura e os respectivos escritores aos alunos do ensino fundamental uma vez que, de forma geral, desconhecem a sua existência.

O *corpus* utilizado na pesquisa parte das obras *Sikulume e outros contos africanos* (2005) de Júlio Emílio Braz, *Ndule, ndule, assim brincam as crianças africanas* (2011) de Rogério Andrade Barbosa, *Histórias da Preta* (2005) de Heloisa Pires Lima e *Os Sete Novelos* (2008) de Angela Shelf Medearis, por tratarem de temas e aspectos culturais relacionados à cultura africana, afro-brasileira e afrodescendente, trazem em suas obras um resgate positivo dessa cultura, rompendo com o silêncio e o preconceito com relação à própria identidade, história, cultura e tradição.

As obras selecionadas para compor o *corpus* desta pesquisa são de temática negra e voltada para o público infantil e juvenil, por representarem, de forma positiva, os personagens e vários aspectos importantes da cultura africana e afro-brasileira.

Esta proposta visa contemplar a Lei nº 10.639/2003, com o objetivo de apresentar essas obras em sala de aula para alunos do ensino fundamental, como uma proposta de interação e inserção dessa literatura no universo escolar. Busca-se também, divulgar por meio da pesquisa científica as obras de escritores da literatura afro-brasileira, tão pouco conhecida e divulgada no Brasil.

Para análise mais detida das especificidades da literatura afro-brasileira será analisado o seguinte conto: “A História da Menina que não respeitou as tradições Ntonjane e o que aconteceu com ela”, que se encontra no livro *Sikulume e outros contos africanos* (2005) do escritor Júlio Emílio Braz e faz parte do *corpus* da pesquisa.

Este trabalho contempla os objetivos do PROFLETRAS, dentre os quais, destaca-se a formação de professores voltados para a inovação em sala de aula, desenvolvendo um olhar mais crítico e responsável e que possam refletir acerca de questões importantes a respeito da linguagem presente na sociedade. Está vinculada à linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, cujo foco é o panorama crítico do ensino da Literatura.

Nessa perspectiva, têm-se como objetivos: a) destacar a importância de inserir e estudar obras de literatura infantojuvenil de temática negra em sala de aula; b) apresentar propostas de atividades (material didático) a partir de contos que compõem o *corpus* dessa pesquisa; c) propor sugestões de trabalho com a temática em sala, tendo a literatura infantojuvenil como objeto de estudo e aprendizagem.

Esta pesquisa insere-se no contexto da educação étnico-racial que pressupõe o tratamento e a discussão de conceitos tais como identidade, educação positiva, oralidade, ilustração e o próprio conceito de literatura afro-brasileira e infantojuvenil. Esses conceitos emergem do *corpus* da pesquisa e serão tratados ao longo do trabalho.

A escola deve ser vista como um espaço de aquisição do conhecimento, ser democrática e estar comprometida não apenas com a aquisição do conhecimento científico, mas, sobretudo, comprometida com a formação humana do cidadão, desenvolvendo valores éticos e morais, e assim, formar um cidadão que saiba compreender e respeitar a cultura e a identidade do outro.

Nesse sentido, surge a Lei nº 10.639/2003 pela pressão dos movimentos sociais, em especial o movimento negro, e que foi sancionada em 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei nº 9.394/1996 de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, e inclui no currículo oficial da Educação Básica da Rede e Ensino Pública e privada a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, reconhecendo a diversidade étnico-racial no Brasil.

Assim, torna-se extremamente importante e fundamental resgatar a história do negro e seus descendentes, reformular o currículo escolar, bem como os planos de ensino de nossas escolas, que muitas vezes não trazem os pressupostos da lei e dessa forma impedem o negro de exercer plenamente sua cidadania étnica.

Avanços, sem sombra de dúvida estão acontecendo no ambiente escolar e, principalmente, nas salas de aula quando há um comprometimento maior com a educação das relações étnico-raciais. No entanto, falta capacitação para os professores e muitas vezes o repertório cultural, histórico e, principalmente, o literário é limitado para trabalhar com a temática em sala de aula.

A esse respeito, Eliane Cavalleiro (2000) na obra *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação*, desenvolveu um trabalho de pesquisa e investigação por oito meses em salas de aulas da Educação Infantil no município de São Paulo. Ao término, a pesquisadora chegou à conclusão que a

discriminação e o preconceito racial estão presentes na sociedade brasileira e, infelizmente, na escola, na sala de aula, no dia a dia de nossas crianças. Nesse espaço de aquisição de conhecimento, de construção das relações étnico-raciais, as crianças de descendência africana não conseguem ver-se representadas de maneira positiva, a escola não proporciona um ambiente saudável e positivo no qual a criança possa se expressar, seja por meio da oralidade ou da expressão corporal, por exemplo.

Portanto, a leitura em sala de aula de autores afrodescendentes ou africanos precisa ser realizada sob um olhar de respeito e, principalmente, de igualdade. Essa literatura precisa sim ser levada para nossas escolas e salas de aula, serem analisadas e interpretadas, não por um viés eurocêntrico, mas sim respeitando suas especificidades e relações culturais e históricas.

Ao escolher o *corpus* que faz parte dessa pesquisa, pensou-se no negro como agente e sujeito da sua própria história, rompendo com a imagem estereotipada que se construiu ao longo da história e que muitas vezes é reforçada por meio de discursos preconceituosos, pelos textos literários, canais midiáticos, e até mesmo pela própria escola, que muitas vezes segrega ainda mais o estudante negro por meio de falsas políticas de afirmação.

As obras selecionadas abordam temas importantes e que precisam ser disseminados não só em sala de aula, mas também em todo o ambiente escolar e isso inclui, a própria comunidade, pois se referem à cultura e à tradição do povo africano e afro-brasileiro e objetiva-se por meio delas “(...) desfazer os preconceitos disseminados na sociedade, apontando as possibilidades de apresentar o escritor negro como consciente de seu papel transformador” (FONSECA, 2006, p.16).

No que diz respeito às reflexões teóricas que norteiam esta pesquisa destacam-se, Eduardo de Assis Duarte *Literatura e Afrodescendência no Brasil*, Antologia Crítica, publicado em 2011; Maria Nazareth Soares Fonseca (2006), *Literatura Negra, Literatura Afro-Brasileira: Como responder à polêmica?*; Eliane Cavalleiro (org.) *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*, publicado em 2001; Zilá Bernd (1988), *Introdução à literatura negra*; Kabengele Munanga (2001), *Superando o racismo na escola*; Tomaz Tadeu da Silva e Stuart Hall (2000), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*; Stuart Hall (2005), *A Identidade Cultural na pós-modernidade*; Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e colaboradores (2004), *Gêneros orais e escritos na escola*; Nazira Salem

(1959), *História da literatura infantil*, entre outros. Utilizaram-se também, como aporte teórico, os documentos oficiais que norteiam o ensino das relações étnico-raciais no Brasil. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, Educação Anti-Racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 e Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais*.

Para o desenvolvimento do trabalho com a literatura de temática negra em sala de aula, realizou-se, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica sobre a literatura afro-brasileira, infantojuvenil, educação étnico-racial e alguns conceitos de identidade. Na sequência, analisou-se de forma mais detida o conto *A história da menina que não respeitou as tradições Ntonjane e o que aconteceu com ela*, de Júlio Emílio Brás. No decorrer da análise, destacaram-se temas adjacentes que estavam presentes na obra como a ilustração, oralidade, aspectos culturais, entre outros.

Para a inserção dessa proposta de trabalho em sala de aula, elaboraram-se sequências didáticas a partir de alguns contos que fazem parte do *corpus* desta pesquisa, sendo que os módulos 01 e 02 foram produzidos com o objetivo de aplicá-los em sala e os demais módulos, que compõem a proposta de projetos com sequência didática, são sugestões de material didático para futuros trabalhos em sala de aula, uma vez que se verificou a escassez de propostas de atividades com a literatura de temática afro.

Optou-se por essa proposta de sequência didática elaborada pelos pesquisadores Schneuwly e Dolz (2004), pois se acredita que, por meio dessa proposta de projeto, o aluno possa não somente apropriar-se do gênero em si, mas sobretudo ter acesso a uma educação étnico-racial de qualidade, que durante muito tempo vem sendo negada a nossas crianças, pois o que se verifica são trabalhos isolados e descontextualizados acontecendo no contexto escolar e em sala de aula.

No Colégio Estadual Nilo Peçanha escola, em conversa informal com a diretora e, também, a partir da leitura do Projeto Político Pedagógico, verificou-se que a Lei nº 10.639/2003 está contemplada no PPP do colégio. No entanto, na escola não há um projeto eficaz e constante que trate efetivamente da educação étnico-racial, havendo apenas, em situações esporádicas, a realização de alguns trabalhos, principalmente relacionados às datas comemorativas, os quais ficam expostos por alguns dias no mural da escola.

Por meio da proposta de projetos por sequência didática, o estudante teve acesso a uma literatura infantojuvenil que até então não fazia parte do seu universo escolar, uma vez que a escola e os professores, de modo geral, introduziam apenas a literatura canônica e de origem eurocêntrica, que é comum nos livros didáticos, por exemplo. Ter acesso à literatura de temática negra agregou novos conhecimentos aos educandos, que passaram a reconhecer nessas obras valores humanos que muitas vezes eram distantes de suas vidas e também da escola. Dessa forma, como afirma Antonio Candido (2000, p.85), “a[...]literatura humaniza em sentido profundo porque faz viver”, assim, abrindo novas possibilidades de realizar um trabalho constante e eficaz voltado para a educação das relações raciais.

## 1 POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS

De acordo com as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2005)*, historicamente, desde o Brasil Colônia, passando pelo Império e posteriormente à República, quanto aos termos legais, a sociedade brasileira sempre se manifestou de forma ativa e permissiva perante o preconceito, a discriminação e ao racismo que, até hoje, assombram a população afrodescendente.

Ainda de acordo com as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2005)*, no âmbito educacional, por meio do decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, ficou estabelecido que os negros escravizados não poderiam frequentar as escolas públicas do país, e que a instrução dos mesmos só ocorreria caso houvesse disponibilidade de professores. No ano de 1878, outro decreto veio alterar alguns aspectos do decreto nº 1.331. Com o novo decreto de nº 7.031-A, datado de 6 de setembro de 1878, ficou estabelecido que os negros só poderiam frequentar as escolas no período noturno.

E assim, mais uma vez, por meio da lei a sociedade brasileira continuava dificultando o acesso da população negra aos bancos escolares, pois como trabalhava pesado o dia todo nos canaviais ou nas lavouras de café era impossível ter disposição aos estudos.

No final do século XIX com a abolição da escravidão no Brasil, os negros viveram um período de intensa exclusão social, pois passaram a viver a margem da sociedade, sem trabalho, moradia, educação, sem condições mínimas para a sobrevivência. De acordo com as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2005, p.7)*:

A educação constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integridade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminho para a ampliação da cidadania de um povo.

Com a promulgação da Constituição no ano de 1988, segundo as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2005)*, o Brasil buscou estabelecer um Estado democrático de direito, valorizando a cidadania e a pessoa, no entanto, mantém-se uma triste realidade marcada por atitudes de preconceito e discriminação racial aos afrodescendentes, que, historicamente, sempre enfrentaram dificuldades de acesso aos bancos escolares bem como a permanência nas escolas e nas universidades.

A terminologia Ação Afirmativa, de acordo com as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2005)*, diz respeito a um conjunto de políticas públicas que se destinam à correção de desigualdades raciais e sociais e à proteção de grupos minoritários que, em algum momento e em sociedades das mais diversas, tenham sofrido algum tipo de discriminação como é o caso do negro e do índio, aqui no Brasil. Com essas ações, geralmente, pautadas em leis, objetiva-se quebrar barreiras e romper com paradigmas tradicionais que de alguma forma promovem a exclusão social desses grupos tidos como minoria, negando-lhes o direito de exercer plenamente a sua cidadania.

O Brasil é um dos países que mais concentra descendentes de africanos, e, portanto, considerado uma sociedade multirracial, e por meio do processo de diáspora, os descendentes de africanos foram se estabelecendo nas mais diversas regiões do país.

Segundo dados do IBGE 2010, 7,6% da população brasileira se declaram preta e 43,1% se declaram parda, portanto mais de 50% da população apresentam descendência africana, a qual se manifesta das mais variadas formas como a cultura, a religião, e sua própria construção identitária.

Nesse contexto é que o negro brasileiro luta pela construção da sua identidade, Para MUNANGA, (2015.p.15), “Se historicamente a negritude é, sem dúvida, uma reação racial negra a uma agressão racial branca, não poderíamos entendê-la e cercá-la sem aproximá-la do racismo do qual é consequência e resultado.” É uma tarefa um tanto árdua em meio a um contexto de racismo, preconceito, brutal desigualdade social e cercada de atitudes e práticas racistas que impedem o negro de ter acesso à participação política, econômica e social.

A população negra luta há décadas em busca da sua identidade negra, positiva, busca formas de vencer a exclusão, o racismo e o preconceito cristalizados em nossa sociedade, uma luta que não é recente, mas que se faz presente, atuante, são vozes que foram silenciadas, e que agora, por meio do movimento negro e demais movimentos sociais, gritam por liberdade, direito e democracia. Ainda, segundo Munanga (2015, p.15-16):

[...]poder-se-ia reter como traço fundamental próprio a todos os negros (pouco importa a classe social) a situação de excluídos em que se encontram em nível nacional. Isto é, a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de "exclusão". Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania.

Hoje, o movimento negro está politicamente mais organizado e consciente da necessidade de buscar junto a órgãos públicos e governamentais políticas afirmativas a fim de exigir, se necessária, a intervenção do estado perante situações de racismo e exclusão social. Busca-se também, a visibilidade na política, o acesso a cargos públicos, pelo direito a uma educação de qualidade e permanência na escola, não que a escola seja uma forma de vencer o racismo e o preconceito, mas é um local de aquisição do conhecimento e que pode proporcionar, sem sombra de dúvida, a transformação tanto pessoal quanto social.

A educação no Brasil, de acordo com a constituição de 1988 no artigo 205, é um direito constitucional, ou seja, todos terão direito ao acesso e à permanência na escola, no entanto, o que se percebe é que a escola passou a ser cenário de segregação, racismo e discriminação social, principalmente com relação ao negro, que não se vê representado positivamente em um ambiente que deveria ser democrático, humanizador.

Aliás, uma das grandes conquistas do movimento negro é a implantação da Lei nº 10.639/2003, que diz respeito à obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas públicas e particulares do ensino fundamental e médio. A implantação da lei foi uma conquista importante para o movimento negro e para o resgate da cultura africana e afro-brasileira, pois inseriu a

questão racial no âmago das políticas públicas universais, o que assegura direitos iguais a todos e respeito à diversidade.

[...] o reconhecimento e a efetivação, com igualdade, dos direitos da população, sem restringir o acesso a eles nem estigmatizar as diferenças que conformam os diversos segmentos que a compõem. Assim, equidade é entendida como possibilidade das diferenças serem manifestadas e respeitadas, sem discriminação; condição que favoreça o combate das práticas de subordinação ou de preconceito em relação às diferenças de gênero, políticas, étnicas, religiosas, culturais, de minorias, etc. (SPOSATI, 2002, p. 5).

A lei é resultado de luta, não é uma política idealizada por governantes, e sim uma conquista do movimento negro e demais movimentos sociais em prol dos direitos iguais e do respeito à diversidade étnica. A Lei nº 10.639/2003 é um marco, um divisor na política educacional brasileira, pois pela primeira vez as relações étnico-raciais são discutidas no sistema educacional de todo país, assim como a inserção dos conteúdos previstos na lei e que passaram a fazer parte dos currículos escolares das escolas públicas e privadas do país. As Diretrizes Curriculares Nacionais (2004, p.10) destaca:

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afro-descendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe a divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada.

Como a lei é uma política de ordem pública, coube a cada estado a sua regulamentação e implementação, contudo, percebe-se ainda certa resistência por parte do governo e das instâncias legitimadoras, escolas públicas e particulares, as quais muitas vezes não desenvolvem um projeto eficaz e constante com relação a educação étnico-racial, são trabalhos esporádicos e superficiais e que muitas vezes acabam por reforçar ainda mais o preconceito e a discriminação no contexto escolar.

Por se tratar de uma política de afirmação, percebem-se muitas lacunas no que tange aos aspectos da sua implementação, pois muitas escolas não alteraram o seu Projeto Político Pedagógico, há ainda a resistência por parte dos educadores, que por falta de conhecimento ou de formação não se sentem à vontade para tratar da educação étnico-racial em sala de aula, verifica-se também resistência por parte de gestores pouco politizados, que acham melhor ignorar a questão, como se os alunos negros ou afrodescendentes não pertencessem àquele universo, sem falar na formação precária recebida pelos futuros professores nas faculdades e universidades de todo país, e até mesmo, o choque ideológico entre a lei e os documentos oficiais que regem a educação no Brasil, como é o caso dos PCNs que tratam da questão étnico-racial como um fator cultural a ser inserido no conteúdo escolar. Não se trata apenas da inserção de mais um fator cultural a ser ensinado, e sim de fatores ideológicos e identitários relacionados à educação étnico-racial, e que precisa ser trabalhado, discutido amplamente não somente nos bancos escolares, mas, sobretudo, nas diversas esferas da sociedade brasileira.

Por outro lado, sabe-se que muitos educadores, gestores e instituições de ensino têm desenvolvido projetos e ações afirmativas voltadas à educação étnico-racial, valorizando os mais diversos aspectos da cultura africana e afro-brasileira, e dessa forma, contribuindo para que haja menos preconceito e exclusão social.

A esse respeito, Kabengele Munanga (2009, p.16) afirma que

{...} a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de “exclusão”. Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania.

Ainda de acordo com Kabengele Munanga (2009, p.20)

A negritude e/ou a identidade negra torna-se uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas.

A esse respeito, no combate para reabilitar valores culturais ancestrais, renegados pela suposta “superioridade branca”, o MEC tem desenvolvido também ações de incentivo à permanência na Educação Superior, como o Projeto de Lei nº

3.627/01 - projeto de reserva de vagas nas IFES, Programa Universidade para Todos (ProUni), Programa de tutoria e fortalecimento educacional de jovens negros na Educação Superior, Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares, entre outros. O MEC desenvolve ainda projetos de formação de professores e tutores, como por exemplo, Programa de Ações Afirmativas nas Instituições Públicas de Educação Superior (Uniafro) .

Outra ação afirmativa é o sistema de cotas raciais nas universidades públicas brasileiras, defendida pelo projeto de Lei N.º 73/99 que determina a reserva de vagas em universidades públicas aos alunos que tenham cursado o ensino médio também na rede pública de educação e que considera, também, as cotas raciais e indígenas.

O Programa Universidades para Todos (PROUNI) é outro exemplo de ação, pois assegura aos alunos das escolas públicas, aos negros e indígenas o pleno acesso a instituições privadas de ensino superior, dando-lhes a oportunidade de superar as dificuldades que lhes foram impostas por uma sociedade capitalista.

Os africanos e afrodescendentes vêm lutando por igualdade de direito, visibilidade e representatividade há muito tempo, embora haja muita resistência por parte da sociedade, pelas forças políticas e ideológicas vigentes em nossa sociedade, muitos negros e negras têm conquistado altos cargos políticos e representativos em nossa sociedade como é o caso do primeiro presidente negro do Brasil, Nilo Procópio Peçanha, que assumiu a presidência a 14 de junho de 1909, com a morte do então presidente Afonso Pena, e governou o país até 1910. Outra conquista foi de Enedina Alves Marques, a primeira negra graduada em Engenharia Civil pela UFPR, em 1945. Barack Obama, o primeiro presidente negro eleito nos Estados Unidos em 2008 e mais recentemente, em 2012, o primeiro presidente negro do Supremo Tribunal Federal do Brasil, Joaquim Benedito Barbosa Gomes.

São personalidades importantes no cenário político e representam uma quebra de paradigmas perante sociedades que ao longo da história se constituíram hegemonicamente racistas, portanto, fortalecer e desenvolver ações afirmativas parece-nos o cerne da questão. É necessário engajamento político e ideológico para lutar contra forças destrutivas e hegemônicas enraizadas em nossa sociedade, e assim, reconstruir diariamente e de forma positiva a identidade do negro e afrodescendente.

## 2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

As relações estabelecidas entre as obras da literatura infantojuvenil de temática africana selecionadas para o desenvolvimento dessa proposta serão apresentadas ao longo da sequência didática, partindo das obras *Sikulume e outros contos africanos* (2005), *Histórias da Preta* (2005), *Ndule, ndule, assim brincam as crianças africanas* (2011), *Os Sete Novelos* (2008), com as reflexões acerca do conceito de identidade e africanidade, os conceitos atuais sobre o ensino da literatura infantojuvenil e as reflexões sobre a implantação da Lei nº 10.639/2003 nos currículos das escolas do país, optou-se pela leitura de teóricos que versam a respeito da temática aqui apresentada.

Segundo Álvaro Hattner (2009), estudos e reflexões acadêmicas a respeito da produção literária afro-brasileira iniciaram-se no decorrer do século XX. No entanto, no que diz respeito às pesquisas relacionadas à presença do negro na literatura brasileira, temática e autoria de obras, os estudos eram realizados por pesquisadores estrangeiros, o que reforça a visão eurocêntrica que predominava no país.

De acordo com o autor, as discussões tiveram início aqui no Brasil por volta de 1940, quando Roger Bastide publica a obra *Estudos Afro-Brasileiros*. Posteriormente, outros pesquisadores deram suas contribuições, como Raymond Sayers, com a obra *O negro na literatura brasileira*, de 1958, Gregory Rabassa, com *O negro na ficção brasileira*, de 1965, e David Brookshaw, *Raça e cor na literatura brasileira*, 1983.

Ainda nesse contexto, segundo Duarte (2011) é preciso ressaltar alguns ensaios produzidos por escritores negros, como os produzidos por Cuti, por exemplo, *Moreninho, Neguinho, Pretinho* (2009). Nesse ensaio, Segundo Duarte (2011), Cuti ressalta a importância do nome, e o quanto o racismo e o preconceito, muitas vezes, rebatiza os negros com uma série de apelidos ofensivos e depreciativos, e isso implica a baixa autoestima, sobretudo das crianças negras e afrodescendentes, tanto no ambiente escolar, como fora dele. Destacam-se ainda *Quem tem medo da palavra negro* (2012), *Literatura negro-brasileira* (2010) ambos do mesmo autor, e que foram compilados em torno do *Quilombohoje* (Quilombohoje Literatura é um grupo de escritores paulistanos e foi fundado em 1980, por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues entre outros), organizado

em três volumes: *Reflexões sobre literatura afro-brasileira*, 1985; *Criação crioula, nu elefante branco*, 1986; e *Cadernos negros: três décadas*, 2008. Esses ensaios críticos formam uma bibliografia essencial para os estudos a respeito da literatura negra ou afro-brasileira. (DUARTE, 2011, p.30-31).

A partir do ano de 2000, em virtude do fortalecimento do Movimento Negro e perante a necessidade do revisionismo crítico, é que se ampliou o interesse pela literatura dos afrodescendentes. (DUARTE, 2011, p.26).

Com o objetivo de traçar criticamente as diversas faces dessa produção literária e intensificar o debate e o diálogo a respeito do conceito de literatura afro-brasileira surgem, nesse cenário, pesquisadores brasileiros. Cabe aqui ressaltar que a literatura negra, não é aquela que simplesmente tematiza o negro por meio de um enunciador, mas sim a literatura que é produzida por um emissor que assume a sua negritude, no âmbito discursivo, temático, histórico, cultural e identitário. (DUARTE, 2011).

Então, no que diz respeito aos estudos teóricos sobre a literatura negra no Brasil, trabalhar-se-á também com a obra *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, organizada por Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca (2011). A obra é resultado de pesquisa realizada em todas as regiões do Brasil tendo como objetivo o levantamento e estudo da literatura desenvolvida por escritores negros e afrodescendentes desde o período colonial.

O resultado revelou as faces dessa literatura, com total de 100 escritores, que são apresentados ao longo da obra. *Introdução à literatura negra* (1988) na qual Zilá Bernd traz questionamentos a respeito de como se constituiu a história do negro no Brasil, suas contribuições culturais e literárias e assim, lançando a literatura afro-brasileira, que sempre esteve à margem, no debate crítico e no centro da discussão literária contemporânea.

Acredita-se que os aportes teóricos escolhidos para sustentar as discussões aqui propostas contribuem de maneira ímpar para a ampliação e aquisição de novos conhecimentos e conceitos acerca da literatura e autores negros no Brasil, além de contribuir para mudanças sociais, os autores propõem reflexões sobre as abordagens e o conceito atual de arte literária. E, assim, propõem a construção de um novo conceito de literatura, a afro-brasileira.

## 2.1 EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: ESPECIFICIDADES DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

O Brasil é um país que se caracteriza por sua grande diversidade étnica e cultural, portanto, é necessário um projeto eficaz de educação que respeite as diferenças. Apesar dessa riqueza, o país ainda convive com situações diárias de preconceito, discriminação e desigualdades sociais.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos assegura o acesso à cultura como um bem essencial e inalienável a todo ser humano. Contudo o que se percebe é que nossas escolas não estão preparadas para realizar um trabalho que contemple a formação plena do ser humano uma vez que os conteúdos trabalhados nos currículos não atendem plenamente a diversidade e os propósitos da Lei nº 10.639/2003, assim comprometendo o ensino das relações étnico-raciais e desrespeitando os direitos do cidadão.

A escola é um local por excelência dedicado à construção do conhecimento, não só os saberes científicos, mas principalmente desenvolver em nossas crianças e jovens valores humanos, éticos e morais. Aí se inclui a educação para as relações étnicas e cabe ao professor e à escola prepararem-se para possibilitar esse acesso, o que muitas vezes não tem ocorrido com eficácia, talvez pela falta de conhecimento, pelo despreparo dos professores ou simplesmente por falta de interesse.

Para Kabengele Munanga (2005, p.16)

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade.

Para superar essa falta de preparo nas escolas de todo o país é necessário que não só professores, mas também os gestores verifiquem se a escola contempla em seu Projeto Político Pedagógico e também nos Planos Anuais dos professores

projetos pedagógicos voltados para as relações étnicas e estudo das africanidades. Assim haverá um comprometimento maior na luta contra o preconceito e o racismo que ainda é evidente em nossas escolas e salas de aula.

Segundo Cavalleiro (2001,p.153)

A ausência de iniciativas diante de conflitos raciais entre alunos e alunas mantém o quadro de discriminação. Diante desses conflitos, o “silêncio” revela conivência com tais procedimentos. Para a criança discriminada indica menosprezo pelo seu sofrimento. E, principalmente, explicita que ela não pode contar com nenhum apoio em outras situações semelhantes.

Faz-se necessário realizar em nossas escolas, mais precisamente na sala de aula, um trabalho que vise à desconstrução do preconceito racial, que muitas vezes está disfarçado, naquele aluno tido como “branco” em “pequenas” atitudes e reações do cotidiano escolar. É necessário promover o resgate da identidade da raça negra por meio de um novo olhar sobre a história vivida pelos negros no Brasil, desenvolver ações na qual o aluno reconheça a importância dessa raça na edificação da sociedade brasileira, promovendo debates e reflexões e dessa forma elevar a autoestima da criança negra, formando cidadãos livres de qualquer tipo de preconceito. Para Munanga (2005, p.16)

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

Segundo Newton Freire Maia (1973, p.10), “O preconceito racial é uma atitude anti-humano e anticientífica”, pois não existe uma raça superior, que tenha mais prestígio que a outra e sim diferenças étnicas e culturais.

No que tange às relações de identidade que nortearam o estudo proposto, optou-se pela obra *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*, organizada por Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall e Kathryn Woodward (2004).

Segundo os autores, o argumento principal da obra diz respeito às velhas identidades, que durante muito tempo mantiveram estáveis as relações no mundo social, mas que, no entanto, encontram-se em declínio fragmentando o indivíduo e fazendo com que surjam novas identidades. O livro tem como objetivo discutir questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia, se existe mesmo uma crise de identidade, em que consiste e qual é a sua direção.

Outra obra em questão é *A identidade cultural na pós-modernidade*, de Stuart Hall (2005). Nessa obra, o autor tem como objetivo principal apresentar algumas questões referentes à identidade cultural, propondo conceitos de sujeito e identidade da modernidade até a chamada pós-modernidade. Coloca em discussão a existência de uma possível crise de identidade, destaca o percurso dessa crise e propõe novas formas de olhar para a temática de identidade.

Segundo Hall (2005, p.7)

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem no mundo social.

Ainda no que diz respeito aos estudos teóricos sobre identidade e educação étnico-racial, destaca-se a obra da professora e pesquisadora Eliane Cavalleiro (2001), *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. Nessa obra, a autora traz questões referentes à integração da temática do racismo no tipo de educação que se pretende proporcionar a nossas crianças.

No prefácio, Cavalleiro (2001) apresenta alguns questionamentos que serão discutidos no decorrer da obra, os quais serão apresentados na sequência. Como o ambiente escolar organiza seu dia a dia para a presença do preconceito e da discriminação?

Sob diferentes pontos de vista, os autores analisam no decorrer da obra livros infantojuvenis, revistas direcionadas à educação, referências à África, aos PCNs, letramento e uma breve comparação com o modelo de educação étnico-racial nos Estados Unidos. São importantes reflexões elaboradas por pessoas comprometidas

com a construção de uma identidade negra mais positiva no contexto escolar, buscando uma educação antirracista. (CAVALLEIRO, 2001).

Para construir uma identidade negra positiva no contexto escolar e também ultrapassar os muros de nossas escolas, é preciso estar aberto para o novo.

O novo é uma reformulação de seu referencial. Pode ser uma postura, uma atitude. Por exemplo, respeitar as individualidades e conceber o conhecimento como um processo cotidiano. E, sobretudo conhecer a história de um povo que, quando escravizado e transplantado de sua terra, de sua comunidade e de sua sociedade para o Brasil, “trouxe toda a sua história e vida na alma, porque não lhe foi permitido carregar nenhum pertence”. Ou talvez um único... a sua auto-estima. (CAVALLEIRO, 2001, p.177)

É necessário, então, conhecer mais a cultura do outro, suas especificidades, tradições, aspectos culturais e religiosos, compreender as diferenças étnicas e culturais, dessa forma, resgatando, valorizando e construindo uma identidade negra mais positiva. A respeito disso ressalta Eliane Cavalleiro:

Para reverter a situação de sofrimento das crianças e adolescentes negros é necessária e urgente a elaboração de alternativas pedagógicas que concorram para incluí-las no sistema formal de ensino, garantindo o direito constitucional à educação plena, pública e de qualidade. (CAVALLEIRO, 2001, p.160).

Portanto, para combater o racismo presente em nossas escolas, salas de aula e na sociedade de maneira geral, fazem-se necessárias ações e projetos constantes voltados para a eliminação do preconceito e dessa forma corrigir as desigualdades sociais sofridas pelas pessoas de descendência africana.

Optou-se também por aportes teóricos do professor e pesquisador Kabengele Munanga (2001), em especial a obra *Superando o racismo na escola* na qual o autor apresenta reflexões sobre como as tradições africanas são apresentadas na escola e incentiva os educadores a desenvolverem trabalhos de modo a explorar as inúmeras possibilidades de conhecer a cultura do povo negro.

O autor destaca ainda a forma tímida como os professores lidam com a temática do racismo e do preconceito racial em sala de aula. Ao longo da obra Munanga apresenta várias formas de preconceito, inclusive o racismo. Ele fala também sobre o estigma que assombra o negro no Brasil, desde o período da escravidão até os dias atuais.

## 2.2 LITERATURA INFANTOJUVENIL E A LITERATURA INFANTOJUVENIL AFRO-BRASILEIRA

O ato de contar histórias nos remete ao início das civilizações, pois retratava a necessidade que as pessoas tinham de comunicarem-se umas com as outras. Todos os povos possuem as suas tradições culturais e estão inseridas nesse contexto as histórias de tradição oral, bem como os mitos e as lendas, que representam as expressões dessas culturas.

Segundo Salem (1970), foi durante o século XVII, que a literatura infantil se constituiu como gênero literário, pois mudanças significativas ocorriam no âmbito das artes. Com o advento da burguesia e a Revolução Industrial, houve uma reconfiguração da sociedade e da família a qual passou a se preocupar mais com a educação formal das crianças.

É a partir do século XVIII que a criança passa a ser vista realmente como criança, ocorrendo dessa forma um distanciamento do mundo adulto e passa receber uma educação condizente com a idade, mas com o objetivo de prepará-las para o mundo adulto, o que não exclui o seu caráter didático. Para esse tipo de educação os mais diversos tipos de materiais foram utilizados, inclusive o livro literário.

No Brasil, a literatura infantil começa a ser publicada no final do século XIX e início do XX. Nesse contexto, ainda não perdera as características didáticas, que estavam a serviço da educação formal e moralizante, destinada também à evangelização de crianças e adolescentes.

Segundo Salem (1970), é na primeira metade do século XX que surgem as primeiras traduções dos contos célebres, universais, adaptações especiais para crianças; versões das fábulas, de romances de aventura, tudo direcionado ao público infantil. Nesse contexto, surgem também os contos dos irmãos Grimm, de Perrault, *Mil e Uma Noites*; *Fábulas de La Fontaine*; *Aventuras de Marco Polo*; *D. Quixote*; *Robinson Crusóé*; *As viagens de Gulliver*, entre outros.

Para Lajolo e Zilberman (1985, p.23)

Se a literatura infantil européia teve seu início às vésperas do século XVIII, quando, em 1697, Charles Perrault publicou os célebres Contos da Mamãe Gansa, a literatura infantil brasileira só veio a surgir muito tempo depois, quase no século XX, muito embora ao longo do século XIX reponte, registrada aqui e ali, a notícia do aparecimento de uma ou outra obra destinada a crianças.

Para Lajolo e Zilberman (1985) é por volta de 1808, com a implantação da Imprensa Régia no Brasil e o avanço na área editorial, que surgem as primeiras publicações de livros para crianças, como por exemplo, a tradução de *As aventuras pasmosas do Barão Munkausen*, datada de 1808, de José Saturnino da Costa Pereira. O que não se caracterizou como uma produção constante de literatura infantil brasileira para as crianças da época.

Segundo Lajolo e Zilberman (1985) as obras da literatura infantil brasileira disponível para o público infantil datam de 1886, com o livro *Contos infantis*, de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira. Já no início do século XX destacam-se as obras de Olavo Bilac e Coelho Neto, quando em 1904 publicam seus *Contos pátrios*. Nesse contexto surgem ainda publicações de Júlia Lopes Almeida, Olavo Bilac e Manuel Bonfim. Segundo as autoras, em 1919, Tales de Andrade, com a obra *Saudade*, encerra esse primeiro momento que caracteriza o surgimento da literatura infantil brasileira.

Para Salem (1970), os precursores do gênero no Brasil foram Alberto Figueiredo Pimentel, Olavo Bilac, Coelho Neto e Arnaldo de Oliveira Barreto, pois organizaram compilações e realizaram traduções de obras direcionadas ao público infantil.

Ainda de acordo com a autora, o pioneiro a fazer literatura infantil no Brasil foi Tales Castanho de Andrade. Sua primeira obra foi *Saudade*, de 1917. Posteriormente, surgem outros escritores como Gustavo Barroso com a obra *Vocabulário das Crianças*, de 1920, Monteiro Lobato com a publicação do seu primeiro livro destinado ao público infantil, *Narizinho Arrebitado*, de 1921.

Ao longo do tempo outros escritores também foram se destacando nesse cenário, e a partir de então se desenvolveu uma literatura dedicada ao público infantil de altíssima qualidade, o que se pode verificar nas produções contemporâneas.

### 2.2.1 A Presença do negro na Literatura Infantojuvenil

A literatura com personagens negros só vai surgir no Brasil no final de 1920 e início de 1930, já no século XX. As primeiras histórias direcionadas ao público infantil dessa época traziam em seu enredo personagens negros, mas sempre retratados de

forma inferiorizada, uma vez que essas histórias foram produzidas após longo período de escravidão (JOVINO,2006). Como é o caso da personagem “Tia Anastácia”, personagem famosa do *Sítio do Pica Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, que em *Histórias de Tia Anastácia* (LOBATO,1995), a personagem é inferiorizada, e os traços dos negros eram descritos com certo desprezo ao ponto de ser tratada como “negra de estimação”.

Segundo apontamentos de Luciana Lauria e Katia Gomes da Silva (2011, p. 6), em artigo “O negro na literatura infanto-juvenil brasileira”:

Monteiro Lobato faz referência à Tia Nastácia, em grande parte das suas obras com preconceito. Ela aparece sendo discriminada e sem cultura. Nas obras, as histórias contadas por ela são, inclusive, consideradas pelos outros personagens do Sítio como de mau gosto. Outros personagens também são vítimas de preconceito e passam a integrar o paradigma de tudo o que é ruim, errado e incapaz. Esses aparecem com menos frequência como é o caso do Saci, coadjuvante de Pedrinho, que encarna todos os vícios que as crianças não podem ter, ou do Tio Barnabé, que, ao longo das histórias de Lobato, é relegado a papéis secundários.

Só por volta de 1970 é que a literatura infantil passa a representar os personagens negros de forma mais positiva. Segundo as considerações de Eliane Debus (2013), em artigo “Atemática da cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil de Júlio Emílio Braz”:

A presença de personagens negras ou de elementos da cultura africana e afro-brasileira em narrativas de recepção infantil e juvenil, produzidas no Brasil, quase que inexistem anteriormente à década de 1970, e quando tal fato acontece tem as marcas da submissão, do serviçalismo, ou do apiedamento. Maria Cristina Gouvêa (2000), ao analisar as representações sociais sobre o negro na literatura de recepção infantil no Brasil, nas três primeiras décadas do século XX, aponta uma suposta integração racial nessa produção que é marcada por uma visão etnocêntrica, na qual as personagens são identificadas pelo desejo de embranquecimento. O mesmo foi constatado por Luis Fernando França (2006), que verificou, por meio da leitura de títulos de Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, Maria José Duprè e Viriato Corrêa, que, na primeira metade do século XX, a literatura infantil nacional conserva uma visão estereotipada em relação ao negro.

A literatura infantojuvenil contemporânea busca em sua temática a ruptura com os modelos já cristalizados em nossa sociedade que retratava os personagens

negros e os aspectos de sua cultura de forma inferiorizada. São narrativas de enfrentamento, cujo tema central é o negro e a valorização positiva dos diversos aspectos culturais tais como mito, religião e a tradição oral.

Atualmente, a literatura infantojuvenil tem se preocupado em desconstruir as imagens estereotipadas do negro construídas ao longo da história, reforçadas muitas vezes na própria escola, que vão desde brincadeiras de mau gosto a apelidos ou atitudes ofensivas com relação às características físicas, além daquelas que, muitas vezes, conotam apelo à sexualidade. Assim, por meio desse processo de desconstrução a que se propõe também a literatura infantojuvenil, propiciam-se novos modelos para que, desse modo, as crianças negras possam ver-se representadas de forma positiva, tendo as suas tradições e identidade respeitadas.

Conforme mencionam Luciana Lauria da Silva e Katia Gomes da Silva (2011, p. 6)

Infelizmente, a imagem do negro, no imaginário brasileiro, esteve sempre deturpada por estereótipos que vão desde a imagem de feiura e bestialidade até o exagero nas tendências ao erotismo e à sexualidade, algo que se mantém até os dias atuais. Eis por que a atual literatura infanto-juvenil tem se dedicado a desfazer essas imagens, na tentativa de instaurar novos modelos para a criança negra, valorizando as suas tradições e sua identidade {...}.

O contato com essa literatura contribui para a afirmação identitária negra, para superar problemas relacionados à cor da pele, a negação do próprio corpo, superar a inferiorização, a baixa estima, e tomar posse conscientemente da sua própria história, superar o complexo de inferioridade e, assim, combater o racismo e o preconceito.

Segundo Eduardo de Assis (2011), “o negro é o tema principal da literatura negra e sob muitos aspectos, é o universo humano, social e artístico de que se sustenta essa literatura, compreende diversidades, multiplicidades e desigualdades culturais antagônicas, e não restam dúvidas de que o negro brasileiro é o tema vital dessa literatura na busca de uma identidade negra mais positiva”.

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem de se assumir negro. (DUARTE, 2011,184-185).

Eduardo de Assis Duarte, assim define a literatura negra produzida no Brasil

Uma literatura empenhada, sim, mas num projeto suplementar ( no sentido derridiano) ao da literatura brasileira canônica: o de edificar uma escritura que seja não apenas a expressão dos afrodescendentes enquanto agentes de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na diferença, que questiona e abala a trajetória progressiva e linear de nossa história literária. (DUARTE, 2011, p.400).

Ainda segundo as considerações de Eduardo de Assis Duarte

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para o outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, Conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de quem se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo (Duarte,2011,p.183)

Para Zilá Bernd (1988,p.23) a terminologia “literatura negra”, surge no contexto atual como uma forma de suprir os vazios criados ao longo do tempo juntamente com a perda da identidade negra no Brasil, que durante décadas foi silenciada e considerada “fora-da-lei”.

Assumir a condição negra e enunciar o discurso em primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos.

Por se tratar de uma literatura recente, por mais que haja pesquisas no campo da literatura infantojuvenil afro-brasileira, e estudos sendo desenvolvidos nas academias, esses conceitos estão em construção, isto é, as metodologias de trabalho com essa temática em sala de aula e as análises de obras utilizam-se de aportes teóricos voltados, sobretudo, para educação étnico-racial.

Para trabalhar com a representação positiva da cultura africana, em especial a afro-brasileira, optou-se por três escritores da literatura infantojuvenil afro-brasileira e por uma escritora afro-americana.

As obras literárias escolhidas para este trabalho não trazem apenas a representação de personagens negras por meio de suas histórias, contos e lendas, mas, sobretudo, buscam colocá-las em evidência, valorizá-las e ressignificá-las. Funcionam também como uma ferramenta pedagógica geradora de discussões e debates, pois evidenciam muitas vezes os problemas enfrentados em nossas escolas, salas de aula e nas demais esferas da sociedade com relação ao preconceito e à discriminação étnica.

A esse respeito, Munanga (2001, p.7-8) afirma que:

[...] alguns professores por falta de preparo ou por preconceitos nele introjetados não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala de aula como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz a nossa cultura e a nossa identidade nacional.

Por maior que seja grande a dificuldade da escola e dos professores em trabalhar com a temática do racismo e do preconceito racial em sala, no contexto da educação étnico-racial, a escola não pode em momento algum se desvencilhar da sua realidade social, cultural e histórica.

### 2.2.2 A Ilustração na Literatura Infantojuvenil de Temática Negra

Outro aspecto importante é a função da ilustração nas obras em questão. São imagens muito bem construídas e que representam de forma positiva a imagem e os aspectos culturais do povo negro.

A ilustração na literatura infantojuvenil, além de instigar a curiosidade e a imaginação, também motiva o leitor mirim para a leitura, auxiliando na compreensão, na aquisição de novos conhecimentos a respeito da constituição da história e da própria caracterização dos personagens. É um componente essencial e estimulador para que a criança possa, por meio desse recurso, elaborar e reelaborar seus próprios conceitos.

Conforme menciona Ana Paula Bernardes Abreu (2010, p. 330 – 331), em artigo “Revelações que a escrita não faz: a ilustração do livro infantil”.

Na história da ilustração não existe uma data que marca oficialmente seu início. Supostamente, tanto a ilustração como a escrita apareceram na pré-história, através das pinturas rupestres. As ilustrações documentais e os primeiros pergaminhos ilustrados surgiram no Egito. Mais tarde, a ilustração adquire função descritiva e objetiva, sendo utilizada pelas civilizações grega e romana nas áreas científicas, principalmente, na topografia, na medicina e na arquitetura. Atualmente, a ilustração adquiriu também uma função estética, principalmente, junto à literatura infantil, onde atribui-lhe um caráter lúdico, real, irreal, de sonhos e fantasias, mostrando que o livro literário ilustrado permite à criança um encontro com aquilo que só ela compreende.

A literatura infantil é fundamental para a aquisição de novos conhecimentos. Por meio da magia, imaginação e da ludicidade que contém o livro infantil a criança constrói e reconstrói uma aprendizagem mais significativa e prazerosa, e a ilustração tem papel fundamental neste processo. Segundo Faria (2008, p.19) “o texto literário oferece ao leitor a possibilidade de experimentar uma vivência simbólica por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou imagens”.

Nesse sentido, Ricardo Azevedo (2004) sugere uma tipologia que vem corroborar com a análise das ilustrações nas obras infantis, que são “*livros texto*: livros sem imagens a não ser, eventualmente, uma ilustração de capa”, neste caso o texto por si só, já é suficiente.

O autor aponta também para os “*livros texto-imagem*: livros em que o texto vem acompanhado de imagens, mas, neste caso, são nitidamente secundárias.” O texto prevalece sobre a imagem, neste caso a imagem funciona como coadjuvante.

Há também os “*livros mistos*: casos em que texto escrito e imagens dividem em pé de igualdade essa espécie de palco que é o livro. [...] Nesse tipo de livro, texto e imagem estão nivelados, são absolutamente complementares e atuam sinérgica e dialogicamente”.

Ainda, segundo o autor, há “*livros imagem-texto*: livros em que as imagens vêm acompanhadas de textos escritos, mas estes são nitidamente secundários”. E finalmente, “*livros imagem*: livros de imagem, sem texto escrito, cujo enredo é criado e construído exclusivamente através de imagens.” Geralmente direcionado a um público adulto.

A esse respeito, o pesquisador, ilustrador e escritor Ricardo Azevedo comenta:

É muito comum encontrar pessoas que associam, automaticamente, imagens impressas a informações, ou que imaginam que a função das imagens, quando apresentadas ao lado de um texto, é esclarecer, informar, documentar, corroborar, dizer através de imagens exatamente o que o texto diz através de palavras. Em certos casos, isso pode ser verdade. Em outros casos definitivamente não. (AZEVEDO,2002,s.p.)

Ao analisar as obras que compõem nosso *corpus*, na perspectiva adotada por Azevedo, as Obras *Sikulume e outros contos africanos*, de Júlio Emílio Braz, *Ndule Ndule assim brincam as crianças africanas* de Rogério Andrade Barbosa e *Os sete novelas*, de Angela Shelf Medearis, é possível observar que apresentam uma das tipologias sugeridas pelo autor, pois os três livros analisados configuram-se como “livros mistos”, nesse caso, texto escrito e ilustração possuem o mesmo valor semântico, ou seja, dialogam entre si em pé de igualdade, imagem e texto se complementam.

Com relação à obra *Histórias da Preta*, de Heloisa Pires Lima, seguindo a perspectiva adotada por Azevedo, verificou-se que as ilustrações que acompanham o texto são secundárias, funcionam mais como acessórios que acompanham o texto, portanto, é possível classificá-la como “livros texto-imagem”.

Na perspectiva de Azevedo, as obras aqui apresentadas podem ser identificadas segundo a tipologia apresentada e nesse sentido contribuem para que os leitores possam fazer associações entre texto e imagem e assim ajudar na compreensão dos vários sentidos que emanam do texto literário. Para o autor,

Levar em conta a existência, dentro de livros, de diferentes graus de relação entre o texto escrito e as imagens pode, apesar disso, contribuir para uma melhor compreensão desse território rico e complexo que é o livro ilustrado (AZEVEDO, 2004, p. 4).

A relação existente entre texto e imagem nos livros infantis, cada vez mais contribui para a leitura e compreensão da narrativa, linguagem verbal e visual (ilustração) assumem papéis distintos e funcionam como narrativas autônomas e os leitores podem, durante o processo de leitura, se servir das duas formas para melhor compreender o texto.

No caso das obras infantis de temática negra, em especial o *corpus* aqui apresentado, as ilustrações contribuem não só no processo de leitura, mas,

sobretudo, no sentido de construir imagens positivas do negro e do contexto que representam.

### 2.2.3 Literatura Infantil e Literatura Juvenil: uma Breve Reflexão

Conceituar e diferenciar literatura infantil de literatura juvenil não é uma tarefa muito fácil. Para Lajolo (2010) é necessário entender que a literatura destinada para o público infantil, esteve durante muito tempo a serviço da pedagogia escolar:

Que ela não existiu desde sempre, que, ao contrário, só se tornou possível e necessária (e teve, portanto, condição de emergir como gênero) no momento em que a sociedade (através da escola) necessitou dela para burilar e fazer cintilar, nas dobras da persuasão retórica e no cristal das sonoridades poéticas, as lições de moral e bons costumes que, pelas mãos de Perrault, as crianças do mundo moderno começaram a aprender. (LAJOLO, 2010, p.22).

Para Lajolo (2010), a produção dessa literatura, seja infantil ou outrora juvenil, está associada à noção de infância, de criança, e essa noção altera-se com o passar do tempo, o desenvolvimento e a evolução da sociedade, assim como os fins para o qual essa literatura, inicialmente, foi destinada. A noção de criança, por exemplo, de Perrault, não é a mesma de Edmond Amicis, nem a de Collodi ao escrever *Pinocchio*, muito menos a criança para quem Jansen traduzia os clássicos da literatura infantil, diferentemente da criança a quem Olavo Bilac direcionava os seus poemas, ou a criança para quem Monteiro Lobato, no início do século XX, criou o Sítio do Picapau Amarelo. Cada produção está inserida em momentos históricos diferentes e com marcas ideológicas já determinadas pelo contexto de produção.

Nas últimas décadas, a literatura produzida para o público infantil no Brasil passa por mudanças significativas, se desvencilhando do seu caráter, inicialmente, autoritário, doutrinário, pedagogizante e ideológico, se ressignificando por meio da própria estrutura textual, no que diz respeito às diferentes linguagens, o formato do texto, as ilustrações, os novos suportes, distanciando-se cada vez mais da sua forma inicial, é claro que levando em consideração seus leitores.

Para Lajolo (2010), a separação conceitual existente entre literatura infantil e juvenil está relacionada a construções e para a autora:

Tanto a criança à qual se destina a literatura infantil é uma construção, quanto o jovem ao qual se destina a literatura juvenil é outra construção, ambas sociais, tanto o infantil de uma quanto o juvenil de outra são conceitos instáveis: o que é literatura infantil em um determinado contexto, pode ser juvenil em outro e vice-versa. (LAJOLO, 2010, p.24).

Para Lajolo (2010), esses conceitos parecem essenciais para que se possa discutir o papel e a importância da literatura infantil e juvenil. São conceitos aparentemente provisórios, e é nesse caráter provisório que reside sua estabilidade, sua natureza e maneira de ser.

#### 2.2.4 Literatura Infantil e Juvenil Afro-Brasileira: uma Breve Reflexão

No que diz respeito à literatura infantil e juvenil afro-brasileira, destacam-se produções literárias como contos, lendas, recontos, que se contrapõem à produção literária de influência eurocêntrica, hegemônica e canônica, por exemplo, os tradicionais contos de fadas.

Essa literatura se distancia dessa visão ao passo que apresenta como personagens negros ou afrodescendentes inseridos em um contexto simbólico e que permite aos leitores não negros a aquisição de novos conhecimentos sobre o continente africano e o povo que o constitui ao longo da história.

Para Jovino (2006, p.216):

Há também os livros que retomam traços e símbolos da cultura afro-brasileira, tais como as religiões de matrizes africanas, a capoeira, a dança e os mecanismos de resistência diante das discriminações, objetivando um estímulo positivo e uma auto-estima favorável ao leitor negro e uma possibilidade de representação que permite ao leitor não negro tomar contato com outra face da cultura afro-brasileira que ainda é pouco explorada na escola, nos meios de comunicação, assim como na sociedade em geral. Trata-se de obras que não se prendem ao passado histórico da escravidão.

A literatura infantil e juvenil de temática negra oferece ao público leitor o contato com textos literários que não transitam com muita frequência no universo escolar, portanto, uma literatura muitas vezes desconhecida e, até, considerada marginalizada por alguns, mas essencial para desenvolver a leitura literária, auxiliar na aquisição de novos conhecimentos, além de valorizar a identidade e a diversidade étnico-racial.

Abramovich (1997) afirma que as narrativas infantis apresentam para as crianças:

[...] uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro –através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados(ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história cada um a seu modo. (ABRAMOVICH, 1997, p.13)

É uma literatura que permite, principalmente, por meio de contos e narrativas, a construção de uma identidade negra afirmativa, e por meio de elementos simbólicos que constituem os mais variados aspectos da cultura africana e afro-brasileira, rompe com a visão estereotipada e escravocrata do negro no Brasil.

A literatura infantojuvenil contemporânea de temática negra caracteriza-se como uma importante ferramenta pedagógica no auxílio à construção de uma identidade racial positiva. São narrativas de enfrentamento que rompem com antigas representações, que durante séculos, depreciaram e inferiorizaram a imagem do negro e dos aspectos da sua cultura.

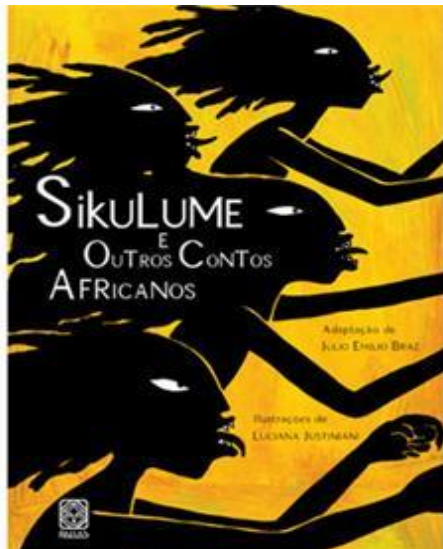
Nesse sentido, contribui para a construção do imaginário infantil, permitem aos seus leitores fazer reflexões acerca do universo cultural africano e afro-brasileiro, assim como do preconceito e discriminação racial. Oferece à criança negra a oportunidade de se ver representada positivamente por meio dessas narrativas.

### 3 APRESENTAÇÃO DO CORPUS

A partir dos autores e das obras apresentadas pretende-se, ao longo do trabalho, discutir a importância da produção literária de escritores negros voltados à cultura afro-brasileira e à educação étnico-racial, uma vez que tais obras representam de forma positiva essa cultura, além de trazerem em seu enredo inúmeras possibilidades de trabalho com a temática em sala de aula.

Vale aqui ressaltar que após a homologação Lei nº 10.639/2003, a inserção da literatura infantojuvenil afro-brasileira tornou-se mais visível no mercado editorial, e conseqüentemente passando a fazer parte dos catálogos paradidáticos e, agora, estão chegando com maior frequência ao ambiente escolar. São narrativas que têm corroborado para uma afirmação identitária negra no contexto escolar, embora se verifique ainda, certa resistência e dificuldade por parte da escola e dos educadores em trabalhar com a temática em sala, ou por falta de conhecimento teórico, falta de acervo literário ou até mesmo por falta de metodologias adequadas para a inserção dessas obras.

**Figura 1** - Sikulume e outros Contos Africanos

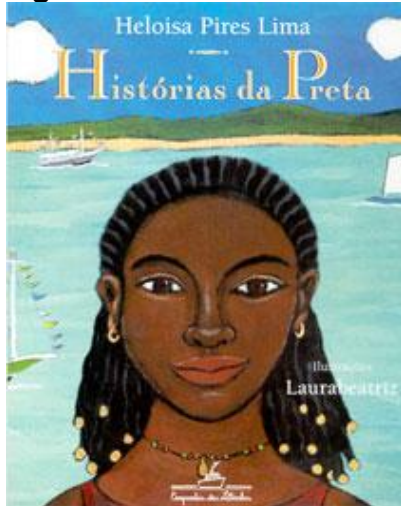


**Fonte:** <http://mauad.com.br/image/cache/data/capas/9788534703819-400x275.jpg>

A obra Sikulume e outros contos africanos de Júlio Emílio Braz (2009) com ilustrações de Luciana Justiniani, são histórias de origem africana e que relatam de forma mítica as tradições culturais do povo africano. O livro traz no total sete narrativas, sendo elas, segundo informações contidas na própria obra, relatos

oriundos da tribo Kaffir, localizada na África do Sul. Com exceção do conto “Por que o sol e a lua foram morar no céu”, por tratar-se de um conto nigeriano.

**Figura 2 – Histórias da Preta**



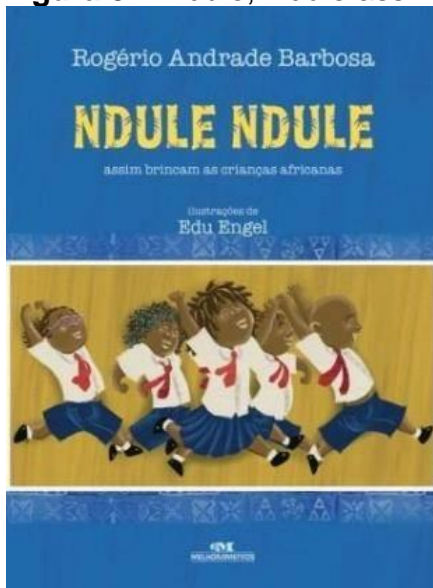
Fonte: <http://img.ijacotei.com.br/produtos/200/200/19/69/386919.jpg>

Nas narrativas de *Histórias da Preta* (2005) da escritora Heloisa Pires Lima, com ilustração de Laura Beatriz, a autora nos apresenta Preta uma narradora-personagem que relata suas experiências de vida ao descobrir as tradições do seu povo e da sua cultura, além de (re) contar lendas africanas. Obra que apresenta um tom didático, quase confessional ao tratar de temas importantes como a escravidão, racismo e religiosidade.

A esse respeito, Andréia Lisboa de Sousa (2001,p.209) ressalta que

{...} essa preocupação de apresentar um relato fiel da realidade histórica é imprescindível para um resgate da nossa história, porém, ao fazê-lo, perde-se um pouco o teor literário da obra {...}. Será que essa é uma característica dessa nova tendência de escritores (negros ou não) ou até mesmo uma necessidade da literatura infanto-juvenil com recorte étnico-racial, visando a uma busca e/ou ao resgate da nossa identidade?

**Figura 3 – Ndule, Ndule assim brincam as crianças africanas**

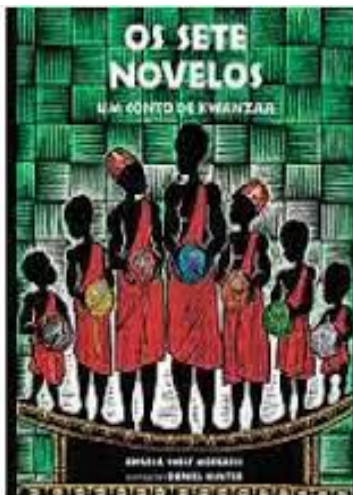


**Fonte:** [http://imagens.livrariasaraiva.com.br/imagemnet/imagem.aspx/?pro\\_id=3659964&qId=90&l=370&a=-1](http://imagens.livrariasaraiva.com.br/imagemnet/imagem.aspx/?pro_id=3659964&qId=90&l=370&a=-1)

A obra *Ndule, Ndule assim brincam as crianças africanas* (2011) do escritor Rogério Andrade Barbosa traz como proposta temática as brincadeiras advindas de países africanos como África do Sul, Nigéria, Quênia e Botswana. Obra atual e contemporânea, pois apresenta como referência meninos e meninas africanos que vão à escola e que também dominam a linguagem da web.

A imagem da modernidade apresentada por Rogério Barbosa é uma maneira de retratar as brincadeiras tradicionais em países africanos. É, pois, uma riquíssima oportunidade de aproximação simbólica entre os nossos alunos e os aspectos culturais do povo africano.

**Figura 4 – Os sete novelos de um conto de Kwanzaa**



**Fonte:** <http://img.fnac.com.br/imagens/produtos/42-54538-0-5-os-sete-novelos-um-conto-de-kwanzaa.jpg>

*Os Sete Novelos* é uma obra de origem americana, da escritora Angela Shelf Medearis. Este livro foi escrito em comemoração ao feriado do Kwanzaa, feriado cultural criado nos Estados Unidos e celebrado por pessoas de descendência africana.

A história se passa numa aldeia africana e relata os conflitos entre sete irmãos que não se entendiam e tornavam a vida em família um transtorno diário em virtude das brigas constantes. Com a morte do pai, o testamento é aberto e o pai estabelece uma condição para que os filhos possam ter acesso à herança: até o pôr-do-sol, daquele mesmo dia, os sete filhos teriam que aprender a fazer ouro com sete novelos de fios coloridos. Caso os irmãos falhassem, a herança seria distribuída entre os mais pobres da aldeia, e seriam expulsos como mendigos. Obra que apresenta como temática a importância dos valores humanos e culturais.

Além dos autores e obras aqui apresentados é possível elencar uma série de outros autores e obras como, por exemplo, *Menina bonita de laço de fita* (1996) de Ana Maria Machado, *As tranças de Bintou* (2007) de Sylviane Anna Diouf, *Bruna e a galinha d'angola* (2011) de Gercilga de Almeida, *O menino Nito* (2002) de Sonia Rosa, *Adamastor, o pangaré* (2013) de Mariana Massarane, *Uma princesa nada boba* (2013) de Luiz Antonio, *Betina* (2011) de Nilma Lino Gomes, *O menino marrom* (2013) de Ziraldo, *Bia na África* (2007) de Ricardo Dreguer, *Nyangara Chena* (2006) de Rogério Andrade Barbosa, *Flávia e o bolo de chocolate* (2015) de Míriam Leitão, entre outros, que se propõem a discutir temas relacionados a negritude e africanidade.

Pretende-se também apresentar aos alunos do 8º e 9º anos do ensino fundamental, obras literárias de origem africana e que foram recontadas e adaptadas por escritores brasileiros para o público infantil. São importantes adaptações que apresentam lendas e narrativas de tradição oral de países africanos e é possível, por meio dessas obras, conhecer vários aspectos culturais de diversos países que compõem o continente africano.

A literatura de temática negra, como foi apontado anteriormente, produzida por escritores negros ou afrodescendentes, tem se destacado no cenário mundial, seja por meio dos escritores africanos e suas obras, das contribuições significativas dos escritores afro-brasileiros, e também de produções de escritores afro-americanos, como é o caso Angela Shelf Medearis, que aqui representa essa literatura, que vem sendo disseminada, pouco a pouco, por toda a América, por meio

do seu trabalho que é voltado para o ensino das relações étnico-raciais e o ensino de valores de sociabilidade na educação infantil. Ela é autora de mais de 70 livros dedicados a esse público.

Apresentar uma escritora afro-americana aos alunos e educadores como sugestão de trabalho tem como objetivo não só colocar em evidência sua importância social no que diz respeito às relações étnico-raciais, mas também destacar algumas especificidades da obra, como a importância da oralidade na transmissão e manutenção dos aspectos culturais, a importância da família, a convivência em comunidade e os laços que os fortalecem.

*Os sete romances* é uma narrativa que propicia aos alunos a aquisição de novos conhecimentos e valores a respeito da cultura e tradição do povo negro, e assume, dessa forma, um caráter também utilitário e a esse respeito Benjamin (1987) afirma que:

Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa forma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (BENJAMIN, 1987, p. 200)

Ao longo da narrativa é possível constatar a dimensão a qual Benjamin se refere, pois se trata de uma obra que valoriza a vida em comunidade, as relações humanas, as tradições culturais, a transmissão de valores ancestrais que preservam e mantêm vivas essas comunidades espalhadas pelo continente africano, uma história que estimula e desenvolve o pensamento crítico por meio das reflexões do feriado do Kwanzaa.

## 4 METODOLOGIA

O procedimento metodológico para este trabalho consiste nas seguintes etapas:

- I- Pesquisa bibliográfica sobre a literatura afro-brasileira, literatura infantojuvenil, educação étnico-racial e identidade, que será elaborada a partir de material já publicado. Nesta etapa, para a pesquisa utiliza-se material impresso e disponível na *internet*, como livros, revistas, artigos, teses, dissertações, jornais, periódicos, etc.
- II- Análise detida do conto: *A história da menina que não respeitou a tradição Ntonjane e o que aconteceu com ela*, de Júlio Emílio Braz. Nessa obra e nas demais narrativas *Ndule, ndule, assim brincam as crianças africanas* (2011) de Rogério Andrade Barbosa, *Histórias da Preta* (1998) de Heloisa Pires Lima e *Os Sete Novelos* (2008) de Angela Shelf Medearis, que serão apresentadas ao longo da sequência didática. Há obras que retomam narrativas de países africanos como é o caso do primeiro conto, pois se trata de uma lenda nigeriana recontada por um escritor afro-brasileiro, e obras que retratam a realidade do negro no Brasil, e que chamamos de literatura afro-brasileira, aquela produzida por autoras e autores negros, cuja temática é voltada a aspectos da cultura afro-brasileira, como por exemplo, religião, identidade, sociedade, racismo. Destaca-se também uma escritora afro-americana a qual não está inserida no contexto brasileiro, mas voltada a temas similares aos das narrativas aqui analisadas.
- III- Para a implementação em sala de aula, optou-se pelo formato de sequência didática apresentado na obra *Gêneros oral e escrito na escola*, de Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e colaboradores (1999). As etapas para a realização desse trabalho foram assim distribuídas:
  - a) A proposta foi implementada, parcialmente, no Colégio Estadual do Campo Nilo Peçanha – Ensino Fundamental e Médio, no município de

Ivaiporã, Paraná. A sequência didática será aplicada no 8º e 9º anos do ensino fundamental. Nessa etapa, pretende-se inserir a literatura de temática negra e explorar por meio de debates e reflexões algumas de suas especificidades, como identidade, oralidade, tradição, cultura, racismo e preconceito.

b) Os demais módulos que compõem a sequência didática destinam-se aos educadores interessados em trabalhar com a temática em sala de aula, pois se verifica a carência de propostas de trabalho e de sugestões com a literatura africana e afro-brasileira.

## 5. ANÁLISE DO CONTO

### 5.1 “A HISTÓRIA DA MENINA QUE NÃO RESPEITOU A TRADIÇÃO NTONJANE E O QUE ACONTECEU COM ELA”.

Nesta análise, serão retomados alguns aspectos essenciais deste trabalho que foram apresentados e discutidos ao longo da sua composição. Destacam-se temas relacionados às representações identitárias da negritude, a presença de personagens negras, a construção do imaginário infantil pelo viés da literatura, cultura, oralidade, enfatiza-se também a importância da literatura de temática negra e a importância da ilustração na composição das personagens.

*Sikulume e outros contos africanos*, de Júlio Emílio Braz, com ilustrações de Luciana Justiniani é um livro de recontos e lendas de matriz oral. O próprio título, assim como a ilustração de capa, já apresenta ao leitor elementos da cultura africana. O uso da cor amarela na capa estabelece uma conexão com o provérbio africano que está na epígrafe do livro “O sol de ontem pode ter se posto, mas sua luz iluminará os dias que virão”. A imagem que acompanha a epígrafe é de um negro com uma lança apontada para o alto, o que permite inferir uma relação dialógica entre os elementos discursivos que compõem capa e epígrafe.

Essa relação representa muito bem o que está posto ao longo deste trabalho, que é romper com os estereótipos construídos historicamente, o amarelo do sol e a lança imposta é a representação de um recomeço, é a luta do movimento negro em prol da valorização e reconhecimento da sua cultura e identidade, é a luta contra o racismo e o preconceito que, infelizmente, ainda é praticado por uma sociedade que foi incapaz de entender que não existe uma raça superior a outra e sim etnias diferentes. A obra *Sikulume e outros contos africanos* representa a luta dos escritores que foram apresentados neste trabalho, é a luta dos pesquisadores, dos professores para que essa literatura seja inserida no contexto escolar e que faça parte permanente dos trabalhos de leitura literária realizados em sala de aula. *Sikulume* representa a importância de se trabalharem essas obras, de apresentá-las aos alunos e até mesmo aos professores, pois são obras ricas e que oferecem inúmeras possibilidades de trabalho.

“A História da Menina que não Respeitou a Tradição Ntonjane e o que Aconteceu com Ela” traz como enredo a história da filha de um chefe com a idade de

seguir a tradição de seu povo, mas que por curiosidade desobedece à ordem de seu pai saindo de sua cabana e indo banhar-se no riacho junto com outras meninas. Ao sair do rio, a jovem se depara com uma serpente mitológica, e por se achar superior às demais meninas, desrespeita mais uma vez as tradições culturais de sua tribo quando não pede licença à serpente para apanhar suas roupas que se encontravam embaixo da cobra e acaba sendo picada pela Isinyobolokondwana, a serpente mitológica. Logo após a picada, ela passa por um processo de metamorfose tendo sua pele transformada como a da cobra.

Após esse ato de desobediência, a jovem é castigada pelo chefe da tribo e passa a viver em uma pequena cabana distante com algumas vacas. Suas vacas passaram a produzir tanto leite que, por meio de um acontecimento fantástico, o leite começa a jorrar do chão, atingindo-a.

No momento seguinte, como uma cobra costuma fazer de tempos em tempos, todos a viram se despir daquela pele de aspecto horrível que a cobria, revelando mais uma vez a grande beleza que sempre encantara a todos na aldeia. (BRAZ, 2005,p.19).

Nesta narrativa, o autor apresenta aos jovens leitores a importância da obediência para a preservação, manutenção e transmissão dos aspectos orais e culturais do povo de origem afrodescendente, o que fortalece e garante a preservação de uma identidade.

A mudança na pele da jovem pode ser lida, no contexto atual, como o ato de despir-se de valores impostos aos negros e negras pela sociedade o que provoca a perda da identidade. Na cultura do branqueamento, aqui compreendida como valores e atitudes associadas aos brancos, o negro toma para si ou incorpora a ideia de superioridade branca. É preciso libertar-se dessa imagem e, assim, construir uma identidade racial positiva de si mesmo (PIZA, 2000). Aliás, se tornou uma prática comum e um problema enfrentado por negros e afrodescendentes que, descontentes com a cor de sua pele e com a condição de ser negro, procuram muitas vezes recursos que os tornem similares aos brancos, como nos aspectos visuais, uma forma de identificar-se com o branco, e dissolver algumas de suas características raciais e tendo como padrão estético e cultural os valores de uma sociedade de domínio branco e, assim, serem aceitos socialmente.

A esse respeito, Kabengele Munanga ( 2015, p. 19) afirma que:

A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade.

No que diz respeito às representações identitárias apresentadas ao longo da narrativa, destacam-se as ilustrações, por agregarem informações importantes ao texto verbal. Muitas imagens conduzem o leitor ao universo mítico e simbólico que está sendo descrito pela voz do narrador. Por meio das imagens é possível construir e ressignificar enredos, o que contribui para uma percepção mais real do mundo. Um texto bem ilustrado pode muito bem representar positivamente a diversidade étnica de uma determinada cultura. Ricardo Azevedo (2014,p.19) no artigo “Imagens iluminando livros”, ressalta.

[...] força poderosa, e muitas vezes esquecida, das imagens como transmissoras insubstituíveis de conhecimento; das imagens como ampliadoras de nossa consciência; da importância das imagens na formação intelectual e ética das pessoas; da influência imensa e difícil de medir das imagens na construção da —visão de mundoll de cada um de nós. (AZEVEDO, 2014, p.19).

No caso do conto “A história da menina que não respeitou a tradição Ntonjane e o que aconteceu com ela”, as imagens contribuem também para a inserção de elementos culturais relacionados à temática da negritude, além de mexer com o imaginário do público infantil, pois as ilustrações muitas vezes despertam na criança o interesse pela leitura. As imagens ilustram algumas passagens importantes da narrativa, possuem uma força ideológica muito grande, pois carregam em si muitas representações identitárias do povo negro e, foram construídas com delicadeza. Os traços físicos, que são característicos do negro, são mantido ao longo da narrativa e se configuram como uma forma de reafirmar positivamente a sua identidade, como se observa na imagem abaixo.

**Figura 5** – A História da Menina que não respeitou a Tradição Ntonjane e o que aconteceu com Ela



**Fonte:**

[http://2.bp.blogspot.com/\\_ECeXghZDQ\\_0/TPFLeoMIX\\_I/AAAAAAAAAdU/UYGGr1X4s0c/s1600/DSC00684.JPG](http://2.bp.blogspot.com/_ECeXghZDQ_0/TPFLeoMIX_I/AAAAAAAAAdU/UYGGr1X4s0c/s1600/DSC00684.JPG)

O trabalho com a literatura infantil, em especial os livros produzidos para crianças, têm um papel importante na formação leitora desse público, pois carregam em si valores e ideologias que contribuem para a formação humana, ideológica e social de crianças e jovens. Portanto, é necessário ter consciência e visão crítica do trabalho que se pretende, ao inserir essa literatura em sala de aula.

## 6. GÊNEROS NA ESCOLA E A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Cabe ao professor, ao introduzir um gênero discursivo em sala de aula ter, entre outros objetivos, o propósito de fazer com que os alunos aprendam e, para tanto, é necessário planejar e elaborar atividades em que os alunos possam construir conceitos e, principalmente, aprendam a fazer.

Sobre isso, Schneuwly e Dolz (1999, p.10) afirmam que introduzir um gênero é uma decisão didática tomada por parte do professor, que visa à aprendizagem do educando e que pode ser de duas maneiras: primeira, dominar, conhecer, para produzir o gênero e, em segundo lugar, adquirir novas capacidades que vão além do gênero proposto, sendo assim, que haja uma transposição para outros gêneros.

Para Schneuwly (1999), o gênero conto é sumamente importante na formação leitora das crianças e dos adolescentes. Define o gênero como um instrumento de caráter psicológico, capaz de mediar o processo de aprendizagem, no que tange à leitura e escrita, possibilitando a aquisição de novos conhecimentos e ações.

O gênero escolhido para esta pesquisa com proposta de intervenção são as narrativas da literatura infantojuvenil que remetem a temas relacionados à cultura afro-brasileira, retomada de lendas e narrativas de países africanos, realizado por autores afro-brasileiros e uma obra da literatura afro-americana.

Os contos de tradição oral sempre foram e continuam sendo uma maneira de resgatar a identidade das mais diversas culturas e de promover o respeito à diversidade cultural de um povo. Para Fernandes (2007, p. 231)

Tais narrativas visam explicar o fenômeno vivido, com base em crenças, e servem para os narradores compartilharem técnicas performáticas, criando um espaço de convivência para uma atividade lúdica e de expressão poética.

Na cultura africana, o contador de histórias era o *griot*, palavra derivada da transliteração para o francês (guiriot) da palavra portuguesa “criado”. O termo *griot* designa também um artista musical e verbal, o qual é treinado por seus familiares e essa tradição ainda é mantida e passada de geração para geração. A esse respeito Gotlib (1985, p.5) afirma:

Aliás, sob o signo da convivência, a estória sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para a transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e contam casos.

A literatura infantojuvenil, principalmente as histórias infantis, possuem o poder de desenvolver a criatividade, imaginação e a fantasia, assim contribuindo de forma efetiva na formação e na personalidade de crianças e adolescentes, interiorizando valores explícitos ou implícitos nas narrativas trabalhadas no contexto escolar.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para problemas que a perturbam. (BETTLHEIM, 1980, p.13)

Para a implementação dessa proposta de trabalho em sala de aula, partindo do gênero discursivo contos de temática africana, optou-se pela proposta apresentada na obra *Gêneros orais e escritos na escola*, de Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz (2004) e colaboradores, pois este trabalho com sequência didática oferece importante contribuição para o ensino de língua portuguesa, mais precisamente com o trabalho realizado com a oralidade e a escrita em sala de aula. É uma proposta que vem acrescentar novas possibilidades ao professor de se trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula, assim, enriquecendo ainda mais seu repertório de práticas metodológicas. A obra apresenta propostas possíveis de serem implementadas em qualquer ciclo ou série, dependendo dos objetivos do professor e, além disso, o leitor terá o prazer de adquirir novos conceitos por meio de uma leitura interessante, esclarecedora e agradável.

O texto “Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento”, que se encontra na obra *Gêneros orais e escritos na escola*, organizado por Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz (2004) e colaboradores procura responder à questão proposta no início do texto, que faz referência a como ensinar a expressão oral e escrita no contexto escolar. Para os autores, por meio dessa proposta, é possível ensinar a produzir textos e a exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e extraescolares.

Seguindo os procedimentos apresentados pelos autores, uma sequência didática caracteriza-se por um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito, com a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. Esse modelo de sequência didática serve, portanto, para que o aluno tenha acesso a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis.

Os idealizadores dessa proposta desenvolveram uma estrutura base para o trabalho com a sequência didática, que seria a apresentação da situação, a produção inicial, e a partir dessa produção o desenvolvimento dos módulos e, finalmente, a produção final.

A apresentação da situação visa expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado na produção final. A apresentação da situação, para os autores, é o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada, e que consiste em apresentar um problema de comunicação bem definidos e preparar os conteúdos que serão produzidos.

Na primeira produção, os alunos tentam elaborar um primeiro texto oral ou escrito e, assim, revelam para si mesmos e para o professor as representações que têm dessa atividade. Para os autores, o sucesso da produção inicial depende dos objetivos que foram definidos na fase de apresentação da situação, assim, acredita-se que todos os alunos serão capazes de produzir um texto oral ou escrito e que responda corretamente à situação dada. Isso permite ao professor fazer as interferências necessárias durante esse riquíssimo primeiro lugar de aprendizagem.

Na sequência, os módulos são apresentados, pois objetiva-se, nesse momento, trabalhar os problemas que apareceram na primeira produção, o que é muito pertinente nessa proposta de trabalho, pois o professor dará aos alunos os instrumentos necessários para superar as dificuldades apresentadas inicialmente.

Segundo os autores (2004, p. 88) o movimento geral da sequência didática vai, portanto, do complexo para o mais simples: da produção inicial aos módulos, cada um trabalhando uma ou outra capacidade necessária ao domínio de um gênero. Ao término, o movimento leva novamente ao complexo: a produção final. Para o trabalho com os módulos, os autores propõem três encaminhamentos, interessantes por sinal, para o desdobramento dos módulos, que seria

primeiramente trabalhar problemas de níveis diferentes, por exemplo, representação da situação de comunicação, elaboração dos conteúdos, planejamento do texto e realização do texto.

O encaminhamento seguinte seria variar as atividades e exercícios, tais como atividades de observação e de análise de textos, tarefas simplificadas de produção de textos e a elaboração de uma linguagem comum. Para finalizar, os autores sugerem capitalizar as aquisições, pois realizando os módulos, os alunos aprendem também a falar sobre o gênero trabalhado em sala de aula, suas especificidades, linguagem, e, assim, progressivamente constroem novos conhecimentos sobre o gênero.

A sequência é finalizada com uma produção final que proporciona ao aluno colocar em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos. Essa produção permite, também, ao professor estabelecer critérios de avaliação, nesse caso a avaliação será do tipo somativo.

Para bem compreender e apreciar as especificidades do procedimento “sequência didática”, os autores (2004, p. 91) chamam a atenção para alguns aspectos cruciais para a compreensão dessa proposta que seriam: os princípios teóricos subjacentes ao procedimento; o caráter modulador do procedimento e suas possibilidades de diferenciação; as diferenças entre os trabalhos com oralidade e com a escrita; a articulação entre o trabalho na sequência e outros domínios de língua. Ressalta-se ainda, que esses procedimentos são esclarecidos ao longo do capítulo, facilitando assim, a compreensão do leitor.

De maneira a facilitar e esclarecer o trabalho com gêneros em sala de aula, os autores agruparam os gêneros em dois momentos. Num primeiro momento, foram feitos agrupamentos que delimitam os conjuntos de gêneros suscetíveis de serem trabalhados, dessa forma, permitir aos alunos o acesso a uma cultura suficiente no domínio da produção de textos orais e escritos. Num outro momento, a escolha de determinados gêneros dentro dos agrupamentos é feita em função de critérios de progressão através dos diferentes ciclos/séries do ensino fundamental.

Para os autores, cada gênero de texto necessita de um ensino adaptado, pois apresenta características distintas. No entanto, os gêneros podem ser agrupados em função de certo número de regularidades linguísticas e de transferências possíveis. Esses agrupamentos respondem a três critérios essenciais. Primeiramente, correspondam às grandes finalidades sociais atribuídas ao ensino, abrangendo a

comunicação oral e escrita; retomam, de maneira flexível, certas distinções tipológicas; sejam relativamente homogêneos quanto às capacidades de linguagem implicadas no domínio dos gêneros agrupados. Na sequência, os autores apresentam dois quadros que representam os agrupamentos constituídos em função apresentados os princípios da progressão através dos ciclos e séries, e também orientações metodológicas.

### 6.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Nas últimas décadas, com a implementação da Lei Nº 10.639/2003 que tornou obrigatório em todos os níveis de ensino da educação básica, o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira, percebe-se, de forma geral, uma carência no que diz respeito a propostas de trabalhos e na disponibilidade de materiais didáticos que contemplem as especificidades da lei no que tange ao estudo das africanidades no campo da literatura.

Observa-se também que em muitas bibliotecas há uma quantidade muito pequena e uma diversidade mínima de obras relacionadas à literatura de temática negra, o que dificulta o trabalho do professor e, também, o acesso dos estudantes a essas obras.

Objetiva-se com essa proposta de sequência didática e pensando no trabalho do professor em sala de aula, apresentar autores e obras da literatura infantojuvenil de temática negra, assim como sugerir um modelo didático e propor atividades para a inserção dessa literatura em sala de aula.

A sequência didática apresentada a seguir consiste no modelo a ser implementado e as etapas serão descritas, mesmo que haja repetição de aspectos teóricos, uma vez que a sequência ficará registrada para futuras consultas de docentes e pesquisadores.

De acordo com Pasquier e Dolz (1996), o termo sequência didática refere-se à elaboração de um projeto em forma de oficinas de ensino aprendizagem, pois por meio de uma série de atividades e exercícios já previamente elaborados e organizados em etapas de execução, visam progressivamente, sanar as dificuldades dos alunos.

O trabalho proposto nessa sequência didática tem como objetivo inserir contos infantis de temática negra no contexto escolar, apresentar propostas de

atividades a partir das obras que compõem o *corpus* desta pesquisa e, também, propor sugestões de trabalho com a temática em sala de aula tendo a literatura infantojuvenil como objeto de estudo e aprendizagem.

A escolha por essa proposta de ensino aprendizagem, em formato de sequência didática, permite ao professor levar para sala de aula e apresentar em momentos diferentes ao longo da sequência, propostas de leitura, produção oral e escrita, tendo como objeto de estudo narrativas orais da literatura africana, afro-brasileira. Durante a aplicação da sequência didática trabalhar-se-á com algumas especificidades da cultura africana e afro-brasileira.

## 6.2 DEFINIÇÃO DE GÊNERO TEXTUAL

De acordo com Schneuwly (2004, p.64-65), o gênero caracteriza-se por ser um “megainstrumento”, cuja configuração se estabiliza por meio de “vários subsistemas semióticos (sobretudo linguísticos, mas também sociolinguísticos) permitindo agir eficazmente numa classe bem definida de situações de comunicação”.

Para Dolz e Schneuwly (2004, p.88), o ensino da comunicação oral e escrita “pode e deve” acontecer de forma sistemática. Para isso os autores propõem uma “sequência didática”, ou seja, uma “sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar determinada prática de linguagem dos alunos”. Para o trabalho com sequências didáticas, é necessário compreender que os gêneros de texto são uma forma de “cristalização” das diversas práticas de linguagem, utilizadas como ferramentas de interação social, as quais se constroem pelos agentes sociais.

## 6.3 MODELO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A INSERÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL DE TEMÁTICA NEGRA NO CONTEXTO ESCOLAR.

Como forma de atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, que traz como tema a inserção da literatura infantojuvenil de temática negra em sala de aula, cuja metodologia adotada foi a da pesquisa bibliográfica, análise e elaboração de material didático, sequência didática, têm-se a seguir as propostas elaboradas a partir dos contos que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Optou-se por apresentar a proposta em formato de quadros, pois dessa forma se tornam mais evidentes os passos para a elaboração e aplicação da sequência didática sugerida por Schneuwly e Dolz (2004).

### **Quadro 1 – Etapas Iniciais**

#### **LITERATURA ORAL**

##### **PARA REFLETIR**

**“Os mais humilhantes  
Detalhes morrem na minha  
Garganta, mas nunca nas  
Minhas lembranças.”**

**EVARISTO (2011,p.56)**

##### **ATIVIDADE DE INVESTIGAÇÃO PRÉVIA**

Agora é o momento de discussão a respeito do conceito de oralidade. Durante essa conversa (informal), os alunos terão a oportunidade de expressarem-se por meio da oralidade e o professor poderá fazer as observações necessárias.

##### **DIDATIZANDO – QUESTÕES PARA REFLEXÃO**

- 1- Com o auxílio do dicionário defina a palavra oralidade.
- 2- A definição de oralidade apresentada pelo dicionário é similar ao conceito que vocês tinham a respeito dessa palavra? Comente.
- 3- Como vocês definem a expressão “tradição oral”? Como essas tradições podem ser passadas de uma geração para outra? Comente.
- 4- Na sua família, cidade, bairro ou região, há tradições culturais, como por exemplo, festas religiosas, comemoração a colheita, entre outras, que foram mantidas ao longo do tempo? Comente.

##### **O CONTO LITERÁRIO**

O conto é uma maneira poética de representar a vida sob a perspectiva da arte literária. Através dele desvelam-se as diferentes faces humanas, seja por meio de situações reais e vividas cotidianamente ou por meio de um universo simbólico, imaginário. Para Bosi (1975, p.31), essa espécie de narrativa pode ser comparada a um “poliedro capaz de refletir as situações mais diversas de nossa vida real ou

imaginária”.

Para Gotilb (1985, p.17), o conto, de acordo com a terceira acepção de Julio Cesares, estendido como “fábula que se conta às crianças para diverti-las”, liga-se mais estreitamente ao conceito de estória e do ato de contar estórias, e refere-se, sobretudo, ao conto maravilho, com personagens não determinadas historicamente.

O conto é um gênero textual pouco estudado e explorado no universo escolar, o que reforça ainda mais a importância da sua inserção em sala de aula.

De acordo com a definição apontada por Gancho (2002), o conto:

É uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens. O conto é um tipo de narrativa tradicional, isto é, já adotado por muitos autores nos séculos XVI e XVII, como Cervantes e Voltaire, mas que hoje é muito apreciado por autores e leitores, ainda que tenha adquirido características diferentes, por exemplo, deixar de lado a intenção moralizante e adotar o fantástico ou o psicológico para elaborar o enredo. (GANCHO, 2002, p.8).

Durante séculos a escola e os professores, talvez por influência histórica, das academias e da pesquisa científica, preocuparam-se apenas com o romance, como se as demais manifestações literárias - a poesia, a crônica e o conto - fossem gêneros menores, menos dignos do que o romance. Para Cortázar (2006,p.150) “... é um gênero que entre nós tem uma importância e uma vitalidade que crescem dia a dia”.

É essa vitalidade a qual se refere Cortázar que se pretende explorar por meio das narrativas aqui apresentadas, são narrativas pulsantes em sua essência, e que trazem em si peculiaridades que precisam ser debatidas e ensinadas dentro e fora do universo escolar. E para isso, Cortázar (2006, p.150)

“É preciso chegarmos a ter uma ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a desvitalização de seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceitualização lhe quer atirar para fixá-la e encerrá-la numa categoria. Mas se não tivermos a ideia viva do que é um conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência”.

O conto caracteriza-se também por se tratar de uma narrativa, proveniente da

tradição oral, pode fixar-se por meio da escrita e assim registrar variantes diversas de linguagem, por se tratar de narrativas de matriz oral, pode também migrar-se para outras culturas por meio do ato de contar, é o que se observa, hoje, com os contos de tradição africana, indígena, e em diversas etnias. No entanto, é necessário ir além dessas concepções para entender a complexidade e profundidade dessa espécie de narrativa. A esse respeito Cortázar (2006, p.153) afirma que:

Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta.

É nessa perspectiva que se pensou o trabalho com os contos de temática negra que compõem o *corpus* desta pesquisa, e também a proposta de trabalho com a sequência didática, pois são narrativas que trazem em sua composição a possibilidade, segundo Cortázar (2006), de romper e quebrar com uma realidade imediata, e mergulhar em um mundo mais simbólico, repleto de novos significados, que vão além dos limites do texto.

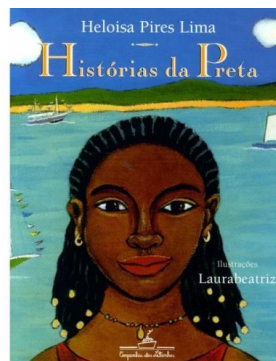
## **SITUAÇÃO INICIAL**

### **MOMENTO DE DESCONTRAÇÃO: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA**

Após a reflexão a respeito da oralidade, serão apresentadas na sequência, narrativas de tradição oral da literatura africana, as quais foram recontadas por diversos escritores da literatura afro-brasileira.

A apresentação da situação tem como objetivo sensibilizar os alunos a um projeto de comunicação que será finalizado na produção final.

A narrativa escolhida, para esse momento, foi retirada da obra *Histórias da Preta*, de Heloisa Pires Lima (2005).



Esse momento deverá ser muito especial, pois será apresentado à classe o objeto de estudo e intervenção, ao mesmo tempo será introduzido o assunto e o gênero a ser tratado ao longo da sequência didática.

Cabe ao professor, nesse momento, reorganizar a sala da melhor forma possível, deixar as crianças à vontade e assim transportá-las para um mundo ainda não tão conhecido, mas sedutor e atraente.

De acordo com Lima no conto *África* (2005,p.12)

Em todos os cantos do mundo há belezas. Acho que quando penso nos povos orientais minha lembrança é esta: como são leves! (Menos quando lembro das lutas de sumô.) Os povos polares, ou seja, do pólo norte, o que lembram, além de sorvete gelado e ursinho de pelúcia. Um mundo cristalino...

Ao término desse momento, que é a contação de histórias, solicitar aos alunos que comentem, oralmente, as impressões que tiveram do texto. Esses comentários poderão ser gravados, editados e posteriormente apresentados à classe como uma reflexão inicial a respeito da temática proposta.

### **TECENDO IDEIAS SOBRE O CONTINENTE AFRICANO**

É chegado o momento crucial para o bom desenvolvimento das atividades que serão propostas ao longo desta sequência didática, pois a classe será conduzida ao continente africano por meio da pesquisa, questionamentos, interações e socialização de conhecimentos. Em seguida, será realizada a produção inicial.

Segundo Andrei e Fernandes, na obra *Cultura Afro-Brasileira Construindo Novas Histórias* (Caderno Uniafro, 2007, p.24):

O desafio é: vencer o preconceito no seu sentido e uso mais amplo; trazer a África e os africanos para o campo histórico, articulando a História dessa região e de suas sociedades com a história da construção do Brasil.

### **DIDATIZANDO – QUESTÕES PARA REFLEXÃO**

1- Ao longo da sua vida escolar, quais foram os conhecimentos adquiridos a respeito do continente africano? Comente.

2-Conhecem alguma história, filme ou documentário que retrate, de forma positiva,

aspectos da cultura africana?

3- Até o presente período de escolarização algum escritor de literatura africana ou afro-brasileira foi estudado em sala de aula? Em caso afirmativo, cite-os.

4- Você considera importante conhecer as tradições culturais de outros povos e etnias e tendo a literatura como porta de passagem a esse universo?

5- É de seu conhecimento que em alguns países do continente africano a língua falada é o português? Você saberia dizer que países são esses? Que tal pesquisar!

6- Você já ouviu falar na palavra etnia?

7- O que é, afinal, etnia? Com o auxílio de instrumentos de pesquisa elabore uma definição para esse termo.

8- A palavra africanidades, que aparece no conto, alguma vez já fez parte do seu universo escolar? Em quais situações? É possível defini-la? Que tal pesquisar e elaborar uma definição para esse termo?

**Figura 6 – Ilustração do Continente Africano**



Fonte: <http://thumbs.dreamstime.com/z/mapa-de-%C3%A1frica-13084088.jpg>

## **PRODUÇÃO INICIAL**

Seguindo a proposta de elaboração da sequência sugerida por Dolz e Schneuwly, os alunos realizarão a primeira produção textual, que poderá ser oral ou escrita. É nesse momento que os alunos terão a possibilidade de demonstrar ao professor e à classe as primeiras impressões que tiveram do projeto e das atividades desenvolvidas.

## **DIDATIZANDO**

Como produção inicial, o aluno pesquisará narrativas de tradição oral da cultura africana ou afro-brasileira, como lendas, histórias e contos. Em sala, será organizada uma roda de contação de histórias e assim todas as narrativas pesquisadas serão apresentadas à classe. Posteriormente, cada aluno fará o registro do texto pesquisado, que poderá ser escrito, recontando essas histórias em forma de narrativas ou oralmente, fazendo o registro por meio de filmagens ou áudios.

*Histórias da Preta* é um convite feito pela escritora para que possamos conhecer melhor os aspectos culturais do continente africano que se faz presente, vivo e pulsante em nossa cultura. A África é apresentada por meio da voz da narradora Preta ao público infantil, dessa forma desconstruindo estereótipos já arraigados em nossa cultura, por falta de conhecimento e promoção da igualdade étnico-racial.

## **Quadro 2 – Módulo 01**

### **INTRODUÇÃO**

#### **Identidade e Modernidade**

A construção da identidade não é algo que ocorre em um momento específico na vida do sujeito. É um processo que se inicia com o nascimento, e é a partir da infância e da adolescência que passa a ter contato com outras esferas da sociedade, muitos ambientes até então desconhecidos, os quais contribuirão no processo de formação identitária de cada indivíduo. Segundo Hall (2005,p.11),

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação “com outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. G.H Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboraram esta concepção “interativa” da identidade do eu. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

É um processo pessoal, íntimo, mas que depende da interação com o outro, pois o sujeito está em constante movimento e desenvolvimento e a identidade se altera conforme as necessidades enfrentadas pelos sujeitos. Nesse processo, considera-se também o sujeito sócio histórico, cultural, inserido em um determinado tempo e espaço.

Nessa proposta de trabalho, optou-se por discutir questões relacionadas à identidade pelo viés da literatura infantojuvenil de temática negra, pois acredita-se que trazer para a sala de aula discussões inerentes ao preconceito, racismo, discriminação, perda da identidade e ressignificação de identidade, tendo o texto literário como alicerce para tais discussões fortalece o trabalho das relações étnico-raciais no contexto escolar, uma vez que essas narrativas oferecem ao leitor mirim elementos fantásticos, mágicos, religiosos e culturais a respeito da cultura africana e afro-brasileira, e assim, contribuem também, para a construção de uma identidade negra positiva, agindo no pensar o outro tanto por parte da criança negra, mas, sobre tudo, por parte da criança branca, que muitas vezes lança um olhar preconceituoso e discriminatório, o que reforça ainda mais atitudes de preconceito e racismo no contexto escolar, dessa forma reforçando a ideia de superioridade da raça branca perante a negra.

A literatura infantojuvenil de temática negra é um bem cultural importantíssimo, e que se encontra disponível em diferentes suportes como livros, blogs, sites, etc, e por meio dessas histórias, lendas, contos e recontos a criança negra vê sua identidade e a de seu povo sendo ressignificada de forma positiva e respeitosa.

## PARA REFLETIR

Na obra “*Histórias da Preta*” (2005, p.9), Heloisa Pires Lima, por meio da voz da narradora, Preta, faz uma reflexão a respeito da identidade africana e coloca em discussão o termo *euro*, como se observa na seguinte passagem: Dizem que sou afro – etiqueta para todos ou tudo o que é parecido com algo ou alguém da África. Euro é a etiqueta para semelhanças europeias. E os outros continentes, que etiquetas recebem? Afro tem em todos os países. Por exemplo, existem os afro-brasileiros, os afro-americanos, os afro-cubanos, os afro-franceses. Será que tem afro-sueco? Enfim, é o seguinte: afro vem de se ter uma origem africana.

## MOMENTO DE DESCONTRAÇÃO

### FILME: “A PRINCESA E O SAPO”

**Figura 7 – A princesa e o sapo**



**Fonte:** [https://encrypted-tbn2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQaBliiP2B63NHe9aSMSXOV8cXkNZ7y\\_YqZYmvacVEHZGJ5pgfp3Q](https://encrypted-tbn2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQaBliiP2B63NHe9aSMSXOV8cXkNZ7y_YqZYmvacVEHZGJ5pgfp3Q)

## DIDATIZANDO – QUESTÕES PARA REFLEXÃO

Após assistirem ao filme, o professor fará um estudo dirigido com a classe por meio de questionário. Nesse momento, conceitos de identidade poderão ser abordados durante a resolução e correção das atividades.

- 1- Observe as características da princesa: elas se assemelham às princesas de contos de fadas? Compare-a a um conto lido por você e apresente o resultado à classe para discussão.
- 2- A personagem sapo aparece em outras histórias. De que forma ele e a princesa se relacionam neste filme?
- 3- Você conhece outras histórias em que aparecem princesas negras?

## ATIVIDADE DE PESQUISA

### PRINCESAS E RAINHAS AFRICANAS

#### CURIOSIDADE

As rainhas e princesas da África são uma fonte de mitos e de fantasias para a cultura ocidental. Reúnem poder, exotismo e mistério histórico.

Uma das mais famosas rainhas africanas foi Cleópatra, conhecida como a rainha do Egito.

**Figura 8** – Cleópatra



**Fonte:** <http://www.joseferreira.com.br/blogs/historia/curiosidades/grandes-reis-e-rainhas-da-africa/cleopatra-vii.jpg>

Realizar uma pesquisa a respeito da história das rainhas e princesas africanas, em seguida, apresentar o resultado à classe. Essa apresentação poderá ser por meio de painéis, cartazes, documentário em vídeo, etc.

**SUGESTÃO DE LEITURA**

- \* *Uma princesa nada boba* – Luiz Antonio. Editora Cosac Naify, 2011.
- \* *Bia na África* – Ricardo Dreguer. Editora Moderna, 2007.
- \* *Menina Bonita do Laço de Fita* – Ana Maria Machado. Editora Moderna, 2015.

**QUADRO 3 - Módulo 02****Brincadeira de criança: Ndule Ndule assim brincam as crianças africanas****Figura 9 – Brincadeira de criança**

**Fonte:** <http://casavogue.globo.com/LazerCultura/Fotografia/noticia/2014/07/25-fotos-de-criancas-ao-redor-do-mundo.html>

**INTRODUÇÃO**

Na maioria das sociedades a infância é marcada pelo brincar, que faz parte das práticas culturais ao redor do mundo. Por meio das brincadeiras, da socialização com os colegas e amigos, a criança tem a oportunidade de desenvolver a si mesma, nos aspectos físicos, psicológicos e cognitivos e na possibilidade de aprender com as inúmeras situações que envolvem o ato de brincar. Portanto, uma atividade essencial ao desenvolvimento infantil. Segundo Vygotsky (1984, p.97)

A brincadeira cria para a criança uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz.

## PARA REFLETIR

### BRINCADEIRAS DE CRIANÇA

Brincadeiras de criança; como é bom assim brincar;  
Mas, só quem entrar na roda, vai poder aqui pular.



Pular corda, cabra-cega, salvar lata e tem pião;  
Mãe da rua e pular cela. Não é bom soltar balão.

Dê um salto e bata as palmas; meio giro e vai-se ao chão;  
Meio giro agachadinho. Dê um pulo e bata a mão.

Pega-pega, duro ou mole, morto-vivo e amarelinha;  
De boneca ou bicicleta. Vai montar uma casinha..

Mão esquerda, mão direita; minhas mãos eu vou cruzar.  
E uma pomba pequenina, vai surgir para voar.

Fecho os olhos e em silêncio. Uso a imaginação:  
“— Sou um príncipe ou princesa. Lobo mal, eu não sou não.”

O pé esquerdo, o pé direito; os meus pés eu vou cruzar.  
E num giro, um rodopio, quase tonto eu vou ficar.

Bata as palmas bem mais forte, giro e meio e vai-se ao chão.  
Num só pé agachadinho, vai subindo com atenção.

Venha andar no seu carrinho, meio giro em rolimã.  
Esconder-se dos amigos, do irmão ou da irmã.

Vou jogar minha peteca, quem pegar, cante a canção.  
Dessa roda eu vou saindo, segurando a sua mão.

**Moses Adam**

<http://www.recantodasletras.com.br/infantil/1313402>

### **Contextualizando - Atividade de investigação prévia**

01- O poema de Moses Adam é uma “delícia”, uma verdadeira diversão. Quais das brincadeiras descritas no poema você costuma realizar com seus amigos?

02- Todas as brincadeiras descritas ao longo do poema são conhecidas? Caso haja alguma brincadeira desconhecida, que tal pesquisar e socializar com a classe?

03- Quais são as principais brincadeiras utilizadas pelas crianças na sua localidade? Comente.

### **Didatizando**

No livro *Ndule Ndule assim brincam as crianças africanas*, Rogério Barbosa (2011) nos apresenta dois personagens, Korir e Chentai. A escola na qual os garotos estudam está situada no interior do Quênia e incentiva os alunos a realizar pesquisas por meio da internet. No momento, os alunos estão pesquisando como as crianças brincam em várias partes da África.

Qual tal conhecer um pouco a respeito do vasto continente africano?

### **Atividade de pesquisa 01**

Nesse momento a classe será dividida em seis grupos. Cada grupo ficará responsável por realizar a pesquisa de acordo com o país sorteado (África do Sul, República Democrática do Congo, Nigéria, Senegal, Botswana e Guiné-Bissau). Poderão pesquisar a respeito das brincadeiras infantis, geografia, população, economia, religião, cultura, música, arte, vestimentas, etc. Após a realização da pesquisa cada grupo fará a apresentação para a classe.

### **Atividade de pesquisa 02**

A primeira atividade de pesquisa desenvolvida por Korir e Chentai e demais alunos da sua classe foi a respeito dos animais que povoam o continente africano. Cada país ou tribo, ao longo do continente, cultuam alguns animais, os quais são cercados por mitos e, em algumas tribos, possuem uma carga simbólica muito importante, como é o caso do leão.

**Figura 10 – Leão**



**Fonte:** <https://papeisdeparede.net/9-fotos-de-leoes-que-deixarao-voce-de-boca-aberta-493.html>

Agora, é uma ótima oportunidade para ampliar seus conhecimentos a respeito dos mitos que envolvem os animais desse vasto continente, assim como fizeram Korir e Chentai.

### **Didatizando**

01) Ao longo da obra, Rogério Barbosa apresenta sete brincadeiras de origem africana. Há alguma semelhança entre as brincadeiras apresentadas com as brincadeiras aqui do Brasil? Comente.

02) Com o advento da *internet* é possível se comunicar de forma instantânea com qualquer pessoa em qualquer canto do planeta. Os garotos africanos utilizam as redes sociais para divulgar sua cultura e suas tradições, mantendo assim aspectos importantes da sua cultura e identidade. Utilizam a *internet* como uma ferramenta de pesquisa e também como uma forma de manter as tradições das brincadeiras, como as que ocorrem na escola, em casa e com os amigos. E aqui no Brasil, as brincadeiras tradicionais ainda são mantidas? A estratégia utilizada pelos meninos africanos de divulgar suas brincadeiras ao redor do mundo é importante? Por quê?

03) O autor traz algumas palavras de origem africana, como os nomes das brincadeiras: Mamba, Kameshi ne mpuku, Ambutan, Ryembalay, Ntsa e Wotswang Le Lesapo, Mwindaji Na Swala e Ndule Ndule. Com o auxílio da internet, procurar o significado dessas palavras e de outras que se referem às brincadeiras utilizadas pelas crianças africanas.

04) Cada país possui linguagem própria. Em alguns países do continente africano fala-se português como, por exemplo, em Angola e Moçambique, mas também existem quase duas mil línguas faladas ao longo de todo o continente. Na obra, essa diversidade é observada inclusive nos nomes próprios, incomuns para a nossa cultura.

Para essa atividade, que poderá ser realizada em grupo, a proposta é a organização de um pequeno dicionário com palavras de origem africana. O dicionário poderá ser ilustrado.

### **Curiosidade**

Por que a galinha d'angola é o animal mais sagrado da religião dos orixás?

**Figura 11** – Galinha d'angola



Fonte: <http://www.nutriavesdistribuidora.com.br/project/galinha-d-angola>

### **Sugestão de leitura**

#### **A lenda da galinha d'angola.**

Disponível em:

<http://contosencantar.blogspot.com.br/2009/03/lenda-da-galinha-dangola.html>

### **Sugestão de vídeo**

#### **- Um pé de que? Baobá, Pitanga e Mangaba. (Canal Futura).**

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=XxZCICcrBoQ>

#### **- Kiriku e a feiticeira.**

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=uMCP7uxtOcA>

## Quadro 4 – Módulo 03

### INTRODUÇÃO

#### ELEMENTOS DA NARRATIVA

Para a introdução ao gênero narrativo e análise do texto literário, optou-se pela obra *Como analisar narrativas* de Cândida Vilares Gancho, pois se trata de uma obra bastante didática para a análise do texto ficcional. No decorrer da obra a autora explora as seguintes especificidades: do gênero épico; elementos da narrativa; tipos de discurso; roteiro de análise; vocabulário crítico.

É uma obra de fácil leitura e compreensão para os estudantes no que diz respeito à leitura e análise do texto ficcional, além de contribuir para o trabalho do professor em sala de aula. Essa obra é de fácil acesso, pois se encontra disponível em quase todas as bibliotecas da rede estadual de ensino, o que facilita também o trabalho do professor.

De acordo com Carlos Ceia, na obra *E-dicionário de termos literários*, a palavra narrador

Deriva do vocábulo latino “narro” que significa “dar a conhecer”, “tornar conhecido”, o qual provém do adjetivo “gnarus”, que significa “sabedor”, “que conhece”. Por sua vez, “gnarus” está relacionado com o verbo “gnosco”, lexema derivado da raiz sânscrita “gnâ” que significa “conhecer”. O narrador é a instância da narrativa que transmite um conhecimento, narrando-o. Qualquer pessoa que conta uma história é um narrador. (Carlos Ceia: s.v. “Abjecção”, E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9)

A narração é uma maneira de organização textual. Por meio dela, o narrador seduz o leitor ao contar ou recontar ações ou acontecimentos. Ao se apropriar dessa forma organizacional, é necessário fazer uso dos elementos estruturais que compõem a narrativa: enredo, personagem, espaço, tempo e narrador.

Contar histórias é uma atividade muito antiga e praticada por muita gente: pais, avós, professores (...). Enfim, todos contam-escrevem ou ouvem-leem qualquer espécie de narrativa: histórias de fadas, contos, romances, causos, piadas (...). Assim, as pessoas são capazes de perceber que toda narrativa tem elementos composicionais que são fundamentais, sem os quais esse gênero textual não pode

existir e correspondem às questões: O que aconteceu. Quem viveu os fatos. Como. Onde. Por quê. A narrativa é, portanto, estruturada a partir de cinco elementos principais. (GANCHO, 1991, p.5).

Ainda no que diz respeito à figura do narrador, Cardoso afirma que

O narrador é o elemento textual que conta a história, apresentando e explicando os fatos que se sucedem no tempo e introduzindo os personagens. Em se tratando de eventos fictícios, ele é também uma invenção, uma criação como tudo mais no texto literário. (CARDOSO, 2001, p.36)

Nesse sentido o narrador é de suma importância, pois o seu posicionamento contribui para os possíveis sentidos e significados atribuídos pelo leitor ao texto.

## **ENREDO**

Caracteriza-se por apresentar o conjunto de acontecimentos ou fatos de uma história e estrutura-se da seguinte maneira:

- **Situação inicial.**
- **Ruptura da situação apresentada inicialmente.**
- **Conflito.**
- **Desenvolvimento.**
- **Ápice ou clímax.**
- **Conclusão.**

## **PERSONAGEM**

É o responsável pelo desenvolvimento do enredo, vive as ações narradas/contadas pelo narrador. Para Cardoso (2001, p. 42)

Os personagens dos textos narrativos não são apenas entes humanos, pois a narração é o relato de um acontecimento (conjunto universo) composto de eventos (subconjunto), os quais se articulam, interligam-se e sucedem-se uns aos outros e nos quais participam homens ou seres personificados.

Para Gancho (2002, p.14)

O personagem é um ser que pertence a história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala. Se um determinado ser é mencionado na história por outros personagens mas nada faz direta ou indiretamente, ou não interfere

de modo algum no enredo, pode-se não o considerar personagem.

Ainda de acordo com Gancho (2002), os personagens podem ser classificados quanto ao papel que desempenham no enredo como protagonista: personagem principal (herói e anti-herói); antagonista: é aquele que se opõe ao protagonista; personagens secundários, são aqueles de menos relevância.

## **ESPAÇO**

É o local onde se passa a história narrada . Segundo Gancho (2002, p.23)

O espaço tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens.

A referida autora destaca também a importância do ambiente no que se refere ao espaço. Segundo ela:

O termo espaço, de um modo geral, só dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um "lugar" psicológico, social, econômico etc., empregamos o termo ambiente. (GANCHO, 2002, p.23).

O ambiente seria então, segundo Gancho (2002), um local repleto de características socioeconômicas, morais, psicológicas, que fazem parte do universo cotidiano dos personagens.

Nesse sentido Cardoso afirma que

O espaço é também aspecto intrínseco do texto narrativo, visto que nele se situam os eventos e os personagens. Ocorre, entretanto, que o espaço não se restringe a uma localização identificável no mapa, pois, ao elemento físico, articula o social, com suas características, tais como tradições, usos, costumes, valores morais, artísticos e sentimentais, aspecto econômico e político articulados ao contexto histórico que os modificou e continua a modifica-los. Tempo e espaço são, pois, duas entidades indissociáveis no texto: um exercendo reciprocamente influência sobre o outro. ( CARDOSO, 2001, p. 40).

## **TEMPO**

Caracteriza-se pela época que a história é narrada. Para Gancho (2002, p. 20) “Os fatos de um enredo estão ligados ao tempo em vários níveis: época em que

se passa a história e duração da história.” E são classificados em tempo cronológico e psicológico.

### **NARRADOR**

É o elemento fundamental da história e pode ser classificado em:

- 1º pessoa (narrador personagem): é aquele que participa efetivamente da história narrada/contada como qualquer outro personagem. Para Gancho, o narrador em primeira pessoa é caracterizado como sendo:

(... ) aquele que participa diretamente do enredo como qualquer personagem, portanto tem seu campo de visão limitado, isto é, não é onipresente, nem onisciente. No entanto, dependendo do personagem que narra a história, de quando o faz e de que relação estabelece com o leitor, podemos ter algumas variantes de narrador personagem. (GANCHO, 2002, p.28).

Segundo a autora, o narrador em primeira pessoa apresenta ainda, a seguinte variante: narrador testemunha e narrador protagonista.

- 3º pessoa: é o narrador que não participa da história narrada e, é conhecido como narrador observador e suas características principais são: onisciência: o narrador sabe tudo sobre a história; b) onipresença: o narrador está presente em todos os lugares da história. (GANCHO, 2002, p.27).

Numa narrativa é possível distinguir pelo menos dois níveis de linguagem: a do narrador e dos personagens. Evidentemente, não se deve esquecer que a linguagem dos personagens pode variar de acordo com as condições socioeconômicas, a idade, sexo, a idade, o grau de instrução e ainda a região em que vivem. Independente disso é possível reconhecer o que é narração (fala do narrador) e a fala dos personagens. Segundo Gancho (1991, p.33) “chamem-se discursos as várias possibilidades de que o narrador dispõe para registrar as falas dos personagens”.

## **Tipos de discurso**

### **DISCURSO DIRETO**

É o registro da fala do personagem, da maneira como ele se revela no texto, ou seja, o personagem fala diretamente, sem a interferência do narrador, que se limita a introduzi-la. Há duas formas básicas de registrar o discurso direto, contudo destaco apenas a mais convencional. (GANCHO, 2002).

- a) Tempos e modos verbais.
- b) Verbo de elocução.
- c) Dois-pontos.
- d) Travessão.

### **DISCURSO INDIRETO**

É o registro da fala do personagem através do narrador, isto é, o narrador é o intermediário entre o instante da fala do personagem e o leitor, de modo que a linguagem do discurso indireto é a do narrador. (GANCHO, 2002).

### **A ORALIDADE É O ESPELHO DE UMA SOCIEDADE**

Na oralidade, a cultura africana conserva vivas suas tradições culturais, ensinamentos e valores, assim transmitindo histórias de imaginação e mistificação da realidade, expressando conhecimento e experiência acumulada ao longo dos tempos por seus ancestrais.

### **A ESCOLA COMO LUGAR DE COMUNICAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO**

Segundo Schneuwly (2010, p.64), na obra *Gêneros Orais e Escritos na Escola*, a escola é um lugar perfeito para se estabelecer a comunicação, o diálogo entre os gêneros, de criar situações reais de comunicação, de ter muitas e boas razões para falar e escrever.

Assim como a cultura brasileira tem suas próprias tradições culturais, como histórias, contos, lendas, o próprio folclore brasileiro, a cultura africana também possui uma identidade cultural riquíssima, cercada de mitos, religiosidade e

tradições. Esses aspectos culturais estão presentes na dança, música, literatura, os quais são repassados de geração a geração.

### MOMENTO DE DESCONTRAÇÃO – CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

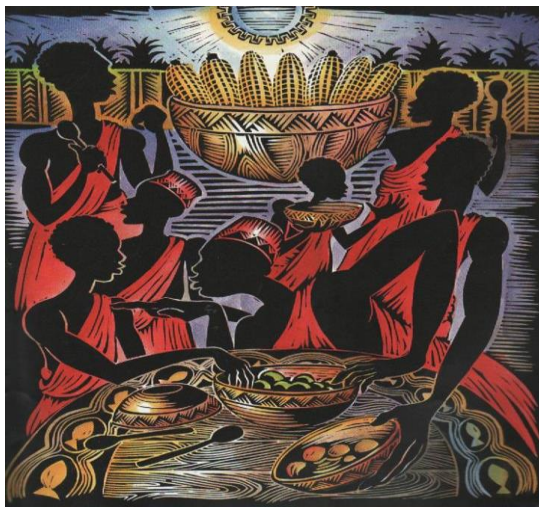


De acordo com Medeaes (2005, p.6), no conto *Os sete novelos* – Um Conto de Kwanzaa:

Numa pequena aldeia africana no país de Gana, viviam um senhor e seus sete filhos. Depois da morte da esposa, o velho homem tornou-se pai e mãe dos garotos. Os sete irmãos eram muito bonitos. A pele era tão lisa e escura quanto o ébano mais legítimo. O semblante era tão teso e forte quanto a lança de um guerreiro.

Mas o velho vivia decepcionado com os filhos. Do raiar do sol até alta noite, a pequena casa da família era preenchida pelo som das discussões entre os irmãos. (...)

**Figura 12** – Os Sete Novelos – Um Conto de Kwanzaa



**Fonte:** [https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcT\\_YCvM5RrPIbfGoSpuYIWYH0fvfKYI0a7GQpPjbJkN-P\\_hAR76Dw](https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcT_YCvM5RrPIbfGoSpuYIWYH0fvfKYI0a7GQpPjbJkN-P_hAR76Dw)

## **ATIVIDADE DE PESQUISA**

O Kwanzaa é um feriado cultural criado nos Estados Unidos e celebrado por pessoas de ascendência africana no mundo inteiro. Que tal obter mais informações sobre a origem desse feriado tão importante? Pesquise e registre as informações obtidas que serão socializadas posteriormente em sala.

### **DIDATIZANDO – QUESTÕES PARA REFLEXÃO**

1- Assim como no Brasil a cultura africana também possui suas datas comemorativas, como o feriado do Kwanzaa, que é um feriado nos antigos costumes de celebrações durante a colheita. Aqui no Brasil, há algum feriado de comemoração e agradecimento aos frutos colhidos? Qual?

2- Durante a celebração do Kwanzaa, todos se empenham em trabalhar juntos para se tornar pessoas melhores e para fazerem de sua comunidade um lugar melhor para se viver. Durante os sete dias do Kwanzaa, sete velas – três vermelhas, uma preta e três verdes – são acesas. Elas representam os Nguzo Saba, os sete princípios, que devem ser memorizados, debatidos e postos em prática durante os sete dias de comemoração e pelo resto do ano (Medearis,2005).

Estes são os Nguzo Saba:

- 1º UMOJA
- 2º KUJICHAGULIA
- 3º UJIMA
- 4º UJAMAA
- 5º NIA
- 6º KUUMBA
- 7º IMANI

Agora, realize uma pesquisa para encontrar o significado dos sete princípios.

3- Após a realização das atividades I e II e a leitura do conto responda:

- a) Como o narrador descreve os personagens no início da narrativa? Essa descrição se mantém do início ao término da história ou se altera? Justifique.
- b) Que discurso predomina ao longo da narrativa? Justifique sua resposta com pequenas passagens do texto.
- c) Os sete jovens eram órfãos de mãe e logo em seguida, também, perderam o pai. Após esse triste fato, qual foi a reação dos garotos?

Leia os seguintes fragmentos do conto:

O pai de vocês decretou que todas as suas posses e propriedades serão divididas igualmente – disse o chefe. – Mas, primeiro, vocês terão de aprender a fazer ouro com estes novelos de fios de seda até que a lua surja na noite. Caso contrário, serão expulsos de casa como mendigos. (MEDEARIS, 2008).

De agora em diante, não devem discutir entre si, nem erguer o braço com raiva, um contra o outro. Se o fizerem, a propriedade e todas as posses de seu pai serão igualmente distribuídas entre os aldeões mais pobres. (MEDEARIS, 2008).

d) Os sete irmãos da tribo Axânti, que não conseguiam se entender nunca, receberam do pai um testamento um tanto inusitado, pois até o pôr do sol daquele dia, os sete irmãos teriam que aprender a fazer ouro com os sete novelos de fios coloridos. Por que o pai estabeleceu essa condição para que seus filhos recebessem a herança? Procure justificar sua resposta.

e) De acordo com a leitura do texto e a resolução das atividades anteriores, qual a relação estabelecida entre “o título do conto”, “os sete princípios” e “o tecido multicolorido”.

### **DIDATIZANDO**

Algumas tribos africanas escolhem suas roupas seguindo algumas tradições, levando em consideração o significado das cores e dos símbolos estampados nelas. A cor e a estampa expressam sentimentos relacionados a situações especiais como festas religiosas, rituais de iniciação, festivais tradicionais, casamentos e funerais.

Para a cultura africana, algumas cores são especiais e bastante utilizadas nas estampas das roupas por meio de símbolos. Os símbolos Adinkra são utilizados na estampa das vestes do povo africano, e cada cor e símbolo possuem significação própria.

### **ATIVIDADE DE PESQUISA**

1- Qual o significado das cores abaixo? Em quais ocasiões essas cores são utilizadas e o que representam para o povo africano?

- a) Branco
- b) Azul
- c) Vermelho
- d) Amarelo

- e) Marrom
- f) Preto

2- Aqui no Brasil, há alguma cor utilizada em ocasiões especiais como na cultura africana? Quais? Qual a carga simbólica que essa cor representa?

### CURIOSIDADE – SIMBOLOGIA ADINKRA

De acordo com pesquisa realizada na *internet*, *site* e *blog*, como por exemplo, Correio Nagô e *blog Afro & África*, em busca de elementos que fazem parte da cultura africana e que compõem as africanidades em diversas regiões do continente africano, destacaram-se a simbologia Adinkra, manifestações culturais africanas da nação Ashanti, em Gana, e também no povo Gyaman, da Costa do Marfim. Os símbolos representam provérbios e aforismos, é uma espécie de linguagem de ideogramas impressos e muito utilizados pelos povos africanos.

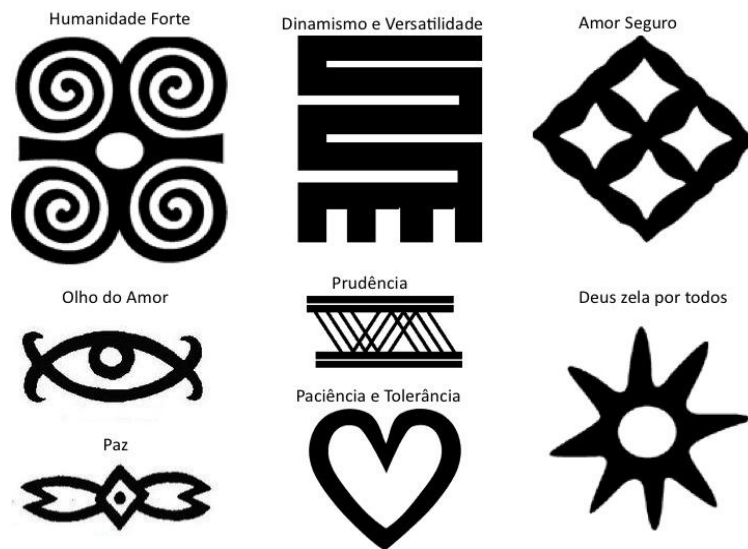
**Figura 13 –** Simbologia Adinkra



**Fonte:** <https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQ-gPi4SGXVw7wrBjKA7UzG58fpnfRILbrnft9dgPMKw5kQWBzb>

Estes símbolos são considerados objetos de arte, Adinkra significa “adeus”, em Twi e toda essa simbologia constitui um código do conhecimento referente às crenças e a história desse povo. Essa forma de escrita constitui um sistema de valores humanos universais como família, integridade, tolerância, harmonia, determinação, entre outros. Observe a seguir:

**Figura 14 – Simbologia Adinkra**



**Fonte:** <http://1.bp.blogspot.com/-0BKtqVGq8Nw/T70Lkl59ogl/AAAAAAAAAMo/O3nG-QFtLck/s1600/Slide1.jpg>

Os ganeses, por exemplo, escolhem suas roupas segundo o significado das cores e dos símbolos estampados nelas. A estampa e a cor expressam diferentes aspectos culturais desse povo, assim mantendo vivas as tradições culturais.

**Figura 15 – Estampas Simbologia Adinkra**



**Fonte:**

[http://afrobrasileiros.net.br/img/conteudo/mulher/1796554\\_1565334110366352\\_8565349338799105111\\_n\(1\).jpg](http://afrobrasileiros.net.br/img/conteudo/mulher/1796554_1565334110366352_8565349338799105111_n(1).jpg)

**SUGESTÃO DE LINKS DE PESQUISA**

[www.lettras.ufmg.br/literafro](http://www.lettras.ufmg.br/literafro)

[www.ceao.ufba.br/2007](http://www.ceao.ufba.br/2007)

[www.pacc.ufrj.br](http://www.pacc.ufrj.br)

[www.acordacultura.org.br](http://www.acordacultura.org.br)

**Quadro 5 – Módulo 04****INTRODUÇÃO**

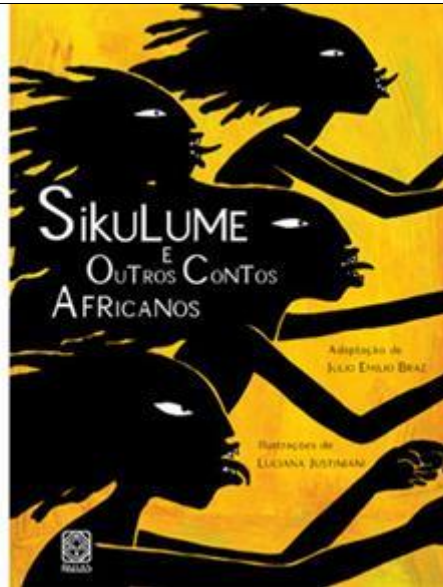
O gênero conto infantil é de suma importância na formação leitora de crianças e adolescentes. Schneuwly (1999), define o gênero como um instrumento, de caráter psicológico, mediador do processo de aprendizagem da criança, no que diz respeito à leitura e escrita e, dessa forma, garantindo a aquisição de novos conhecimentos e ações.

Os contos de tradição oral sempre foram e continuam sendo, até momento, uma forma importantíssima de resgatar a identidade e de promover o respeito à diversidade cultural de um povo. Na cultura africana, o contador de histórias era o Griot. O termo Griot, pode designar também um artista musical e verbal, que são treinados por seus familiares e esse aspecto cultural, de se ter na família um griô, é passado de geração para geração, assim mantendo viva, até hoje, as tradições orais de seu povo.

**MOMENTO DE DESCONTRAÇÃO – CONTAÇÃO DE HISTÓRIA**

A seguir, será apresentada uma nova e encantadora história do escritor afro-brasileiro Júlio Emílio Braz, na qual o autor reconta uma lenda nigeriana, repleta de significados como a importância da obediência, dos costumes, da religião, das tradições, para a manutenção dos aspectos culturais e a preservação da identidade.

O conto foi retirado do livro *Sikulume e outros contos africanos*, (2005).



De acordo com Braz (2005, p.14,16), no conto “A História da Menina que não respeitou a Tradição Ntonjane e o que aconteceu com Ela”:

Os mais velhos são uns dos poucos que ainda contam a história de uma certa filha de um chefe que atingira a idade de observar a tradição ntonjane. Por isso, ela foi colocada numa palhoça onde deveria permanecer até o dia da cerimônia. No entanto, numa certa manhã...

### **DIDATIZANDO**

Após a socialização do conto em sala, desenvolver o estudo dirigido apresentado na sequência.

### **QUESTÕES PARA REFLEXÃO**

1- O conto ressalta a importância dos mais velhos na transmissão e manutenção das tradições culturais do povo africano, valorizando assim o conhecimento e a sabedoria de seus anciãos, evidenciando ainda mais a importância do *griot* nessas culturas. Como isso se verifica na nossa cultura? Comente.

2- Relei a citação anterior e responda:

a) Levando em consideração o local onde a jovem foi colocada, é correto afirmar que o espaço e o tempo interferiram nas atitudes e decisões da personagem? Quais foram as consequências desse ato?

b) O que seria a tradição “Ntonjane”? Que tal pesquisar?

3- O conto apresenta um tom misterioso, aliado à elementos fantásticos, pois é construído em torno de rituais. Como seria esse ritual? Qual a importância do rito para essa cultura?

4- Nos rituais africanos, como por exemplo, celebrações religiosas, ritos de iniciação, rituais de passagem, entre outros, a presença da música é um aspecto cultural de suma importância, pois é uma forma de oração que conecta o homem ao sagrado. Levando em consideração o contexto em que as jovens entoaram a canção, é possível afirmar que há uma relação de respeito entre os valores da cultura africana que estão representados na figura da cobra? A figura da cobra seria uma forma de “punição pela desobediência das jovens? Justifique sua resposta. Se necessário, realize uma pesquisa prévia.

5- Observe a imagem a seguir e responda:



**Fonte:** [http://2.bp.blogspot.com/\\_ECeXghZDQ\\_0/TPFLeoMIX\\_I/AAAAAAAAAdU/UYGGGr1X4s0c/s1600/DSC00684.JPG](http://2.bp.blogspot.com/_ECeXghZDQ_0/TPFLeoMIX_I/AAAAAAAAAdU/UYGGGr1X4s0c/s1600/DSC00684.JPG)

Após ser picada pela cobra, a pele da menina passa por um processo de ressignificação. No contexto atual, tal fato pode ser entendido como o ato de despir-se de valores impostos pela sociedade tida como branca? Comente sua resposta.

6- Leia o fragmento a seguir e responda:

Passou-se um certo tempo e alguns começaram a perceber que as vacas que haviam levado para ela produziam mais leite que o necessário e o excesso começou a ser derramado num buraco feito no chão. A surpresa aumentou ainda mais quando, sem mais nem menos, o leite começou a jorrar como se fosse uma cascata espirrando para o alto e tudo se transformou em verdadeiro encantamento quando a filha do chefe, curiosa, aproximou-se do buraco e acabou atingida por um dos jatos de leite. No momento seguinte, como uma cobra costuma fazer de tempos em tempos, todos a viram se despir daquela pele horrível que a cobria, revelando mais uma vez a grande beleza que sempre encantara a todos na aldeia. (BRAZ, 2005,p.19).

Após ser atingida por um jato de leite, a jovem , assim como uma cobra, revela sua verdadeira identidade à tribo. Como pode ser entendido esse momento?

7- Que outros elementos da cultura africana estão presentes no último parágrafo do texto? Identifique-os e explique como esses elementos contribuem para manter vivas essas tradições.

Os povos africanos, principalmente os que vivem em pequenas comunidades ou tribos, que mantêm uma relação direta com a natureza, de respeito e preservação atribui a alguns elementos significados sagrados como é o caso de alguns animais e árvores, como é o caso do baobá. Que é tido como um elemento sagrado, carregado de significações. O baobá, para essas culturas é cultuado como “Árvore da vida”.

**Figura 16 – O Baobá: a árvore da vida**



**Fonte:** [https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTfKAhl6K4ttyJ\\_g8qnNuA6ubxnNMaROileHrw-YxtVcQ4xoT\\_S](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTfKAhl6K4ttyJ_g8qnNuA6ubxnNMaROileHrw-YxtVcQ4xoT_S)

“É íntima a conexão do homem africano como ambiente em que vive. A sua cultura lhe diz que as árvores e os animais carregam um significado sagrado e, portanto, é necessário render-lhes as devidas homenagens. O Baobá, a árvore da vida, destaca-se como um símbolo dessa fraternidade devota que os africanos nutrem pela natureza e, mais que isso, a própria divindade. As suas raízes remetem aos ancestrais; o seu tronco, à força da vida; os seus galhos, folhas e frutos, ao milagre da procriação. É no Baobá que o homem pode espelhar-se, porque, para ele, a árvore é de fato um ente sagrado.” (Imagens da Diáspora, 2010, p.14).

## **PRODUÇÃO FINAL**

De acordo com o projeto de sequência didática proposto por Schneuwly e Dolz (2010), na obra *Gêneros orais e escritos na escola*, a sequência é finalizada com uma proposta de produção final. Nela os envolvidos terão a oportunidade de colocarem em prática os conhecimentos assimilados ao longo de todo processo.

De forma a explorar e colocar em evidência outros aspectos da cultura africana, valorizando ainda mais os aspectos culturais, míticos e religiosos e promover uma apropriação maior da necessidade para as relações étnico-raciais, propõe-se então a teatralização de um dos contos sugeridos na sequência didática.

Ao propor a realização da transposição de um gênero discursivo para outro, em sala de aula, o professor proporciona ao aluno o uso da função social da linguagem. Segundo Bakhtin (2000, p.286)

Quando passamos o estilo de um gênero para o outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruímos e renovamos o próprio gênero.

Ao realizar esse trabalho, os alunos envolvidos terão a oportunidade de se aprofundarem ainda mais não só no trabalho de produção, mas também propiciará novas descobertas a respeito da cultura a ser representada por meio do texto dramático.

Após essa fase de produção e preparação para o espetáculo final, que contará com o apoio precioso do professor, a sala organizará o momento de encenação. Segundo Boal (1996), todas as pessoas carregam em si habilidades voltadas à arte de dramatizar, sendo assim, esse é um momento importante para os

estudantes, pois estarão saindo da sua área de conforto, e redescobrimo novas habilidades. Para esse momento, poderão ser convidados os pais, professores e alunos de outras séries. O registro dessa atividade poderá ser feito por meio de filmagens e utilizado posteriormente com fins pedagógicos.

### **Sugestão de Produção Final**

#### **Roda de Contação de Histórias**

Para finalizar a sequência didática, poderá ser organizada uma roda de contação, na qual os alunos poderão participar contatos histórias, causos ou lendas. Para isso é necessário realizar anteriormente uma pesquisa, buscando por novas histórias, não só aqui no Brasil, mas também explorando a diversidade de países pertencentes ao continente africano, pois cada cultura possui suas particularidades e que seriam muito bem vindas nesse momento de descontração.

Para esse momento, os alunos poderão trazer elementos que representem a história e a cultura que está sendo retratada, como por exemplo, elementos da música, do vestuário, etc. O registro desse momento poderá ser feito por meio de filmagens, e utilizado posteriormente com fins pedagógicos.

## 7 ANÁLISE DOS DADOS – IMPLEMENTAÇÃO PARCIAL DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NA ESCOLA

A proposta de sequência didática com contos de temática negra foi implementada no Colégio Estadual do Campo Nilo Peçanha, na cidade de Ivaiporã, com alunos do 8º e 9º anos.

As atividades tiveram início em fevereiro de 2016 com a semana pedagógica, quando se realizou a apresentação da proposta de trabalho para a direção, equipe pedagógica e demais participantes. Discutiui-se também a importância da temática e a forma como o material foi organizado para a implementação.

O início do trabalho deu-se a partir de uma conversa informal a respeito do conceito de literatura, momento no qual os estudantes tiveram a oportunidade de expor suas opiniões a respeito do que acreditavam ser literatura. Logo em seguida, com a mediação do professor, foi introduzido o conceito de oralidade, e mais uma vez tiveram a oportunidade de exporem suas opiniões. Após essa reflexão, fizeram-se algumas considerações a respeito do conceito de literatura oral, relacionando-as às reflexões apontadas pela classe.

Na sequência, trabalhou-se com o conceito de conto e os alunos puderam dar suas contribuições e, com a orientação do professor, esses conceitos foram trabalhados e esclarecidos.

A seguir, realizou-se a sensibilização ao gênero por meio de uma contação de história, o conto *África* da obra *Histórias da Preta*, de Heloisa Pires Lima (2005). Esse primeiro momento configurou-se como a presentificação do objeto de ensino-aprendizagem, que está voltado para a aquisição de novos conhecimentos a respeito da cultura africana e afro-brasileira, o qual foi desenvolvido posteriormente.

Dessa maneira, após a contação de história, introduziu-se a temática de trabalho, na sequência, estabeleceu-se um diálogo com a classe a respeito da temática do conto e alguns aspectos do continente africano. Até esse momento a classe ainda estava um pouco tímida, e alguns alunos negros, que demonstraram conhecimento a respeito da cultura afro-brasileira, deram suas contribuições, ressaltando alguns aspectos da cultura africana e afro-brasileira, como religião, comida, capoeira e os instrumentos musicais utilizados para a execução. Alguns questionamentos também foram introduzidos, respondidos e socializados em classe.

Então, deu-se a produção inicial, na qual os alunos realizaram pesquisa buscando por novos textos literários que contemplassem a temática proposta. Pesquisaram-se lendas, narrativas de tradição oral, histórias, as quais foram trazidas para a sala de aula. A proposta foi uma roda de contação (leitura) dos textos pesquisados. A atividade concretizou-se no jardim da escola, um local gramado e arborizado, os estudantes ficaram bem à vontade para ouvirem as histórias que eram contadas pelos colegas. Verificou-se interesse e entusiasmo por parte dos participantes durante a realização da atividade, inclusive, vários alunos manifestaram-se positivamente a respeito da história e da cultura do povo africano, assim como as contribuições dos negros no processo de edificação da sociedade brasileira.

Como podemos perceber, o primeiro contato com a temática proposta foi recebido de forma positiva pelos estudantes que demonstraram respeito pela cultura dos africanos e afrodescendentes, e sentiram-se estimulados para a realização das demais propostas de atividades.

A fim de dar continuidade ao trabalho iniciado, aplicou-se mais um módulo da sequência didática, o qual trouxe reflexões a respeito do conceito de identidade e agregou novas informações ao conteúdo trabalhado anteriormente. Para dar suporte a essa discussão, os estudantes assistiram ao filme “A Princesa e o Sapo”. Ao término, os estudantes responderam às questões propostas e no decorrer da aula outras questões foram surgindo e novas discussões foram inseridas naquele contexto de aprendizagem. Os alunos questionaram as versões tradicionais dos contos de fadas, por apresentarem sempre nas histórias princesas brancas como se não existissem outras etnias e o porquê das escolas e os professores não inserirem esses conteúdos durante suas aulas. Foi um momento intenso de discussão e aprendizagem.

A tarefa seguinte foi realizada no laboratório de informática, e a proposta era realizar uma pesquisa a respeito das princesas e rainhas africanas. A atividade foi realizada e apresentada para a classe, mas para surpresa de todos, os estudantes também trouxeram em forma de cartaz e slides imagens das “princesas negras atuais”, ou seja, mulheres negras, mães, atrizes, cantoras, jornalistas, modelos, enfim, a mulher negra.

A metodologia adotada para o trabalho com a sequência didática gerou momentos de interação, discussão e aprendizagem. Os objetivos traçados para

essas atividades superaram as expectativas, pois os estudantes receberam a temática e a proposta de trabalho de forma positiva, sem nenhum tipo de restrição ou atitudes de preconceito. Constatou-se também, envolvimento e dedicação a todas as atividades, e o mais importante, que foram os alunos de descendência africana ver-se representados de forma positiva em todos os momentos do trabalho.

## 8 EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Como professor da Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná há aproximadamente vinte e três anos, sempre me interessei por todo tipo de literatura e sempre procurei trabalhar com textos e autores diversos em sala de aula. Como desde a infância tive acesso à literatura oral, por meio dos causos e das histórias contados pelo meu avô, principalmente na quaresma, passei a me interessar cada vez mais por essa arte de conhecer e contar histórias e ainda criança descobri a literatura escrita, principalmente nas obras de Monteiro Lobato.

A partir de então, cada vez mais passei a me interessar pelos livros, pois lá eu poderia viajar e conhecer outras histórias. Então, como educador, sempre procurei proporcionar aos meus alunos momentos de descontração com declamações, leituras ou a contação de histórias, pois sempre acreditei que por meio da literatura é possível adquirir novos conhecimentos, não só o conhecimento científico, mas também valores humanos, os quais são importantíssimos para se conviver em sociedade.

A esse respeito, Antonio Candido (2004, p. 186) ressalta:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada uma como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações de ficção, da poesia e da ação Dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo possibilidades de vivermos dialeticamente com os problemas.

Em 1999, cursando uma especialização na FAFIJAN na área de Literatura, tive a oportunidade de cursar uma disciplina de Literatura Africana com o professor Sérgio Adolfo. E foi assim que as literaturas africana e afro-brasileira passaram a fazer parte das minhas aulas, porque até então eu desconhecia a riqueza desses autores e obras, pois durante toda a minha graduação nenhum professor apresentou essa literatura, mas sim a portuguesa e a brasileira. As aulas do professor Sérgio eram espetaculares e tive a oportunidade e o prazer de aprender muito a respeito da literatura de temática negra. A partir daí, alguns escritores em especial passaram a fazer parte da minha vida pessoal e profissional, como Mia Couto, Solano Trindade, Júlio Emílio Braz entre outros.

No ano de 2000, vim para a UEL fazer disciplinas como aluno especial no curso de Mestrado Acadêmico, onde conheci a professora Dra. Gisêlda, hoje já aposentada, que me motivou muito e sempre me incentivava a estudar a literatura negra no Brasil. No ano de 2001, realizei a prova para ingressar como aluno regular e fui aprovado, no entanto fui reprovado na entrevista. Aprendi muito com as disciplinas que cursei como aluno especial, e continuei na sala fazendo meu trabalho de educador, só que agora com um pouco mais de conhecimento a respeito do trabalho com a literatura, principalmente a de temática negra.

Em 2013, fui selecionado pelo programa do Governo do Estado do Paraná para cursar o PDE, e confesso que fiquei muito ansioso, pois via uma oportunidade de retornar à universidade e quem sabe retomar o sonho adormecido. Conforme as orientações do Núcleo Regional de Educação, preparei um pré-projeto, ainda sem saber ao certo quem seria o orientador ou orientadora. Como a linha de pesquisa escolhida era na área de literatura, escrevi meu pré-projeto voltado para a literatura africana, pois gostaria de trabalhar com os contos de Mia Couto, do livro *O fio das missangas*.

Quando saiu o nome da minha orientadora, a professora Dra. Maria Carolina de Godoy, a primeira coisa que fiz foi pesquisar o currículo lattes e tive uma grata surpresa, pois a professora era pesquisadora da temática e desenvolvia projetos tanto na UEL como na UFRJ. A partir daí começaram as orientações e a professora foi me mostrando o caminho que eu deveria percorrer durante a realização do PDE. Sou muito agradecido a professora Maria Carolina, pois sempre incentivou a continuar na pesquisa.

Já no final de 2015, concluindo o PDE, fiz a prova para ingressar no curso de Mestrado Profissional, PROFLETRAS, no qual fui aprovado em primeiro lugar. Como já estava pesquisando a respeito da literatura africana e afro-brasileira, que é uma paixão em especial de continuidade, agora no mestrado, à mesma linha de pesquisa e é claro que com a mesma orientadora. Que por sinal durante as aulas ministradas no programa de mestrado PROFLETRAS, nos apresentou as novas perspectivas teóricas acerca da literatura de temática étnica, bem como importantes escritores e escritoras e suas respectivas obras.

Espero que a minha proposta de trabalho para o curso de mestrado seja tão importante, necessária e combativa como a que desenvolvi no PDE, e que eu possa levar para a escola e para sala de aula uma proposta que busque uma

representação mais positiva do negro no Brasil e dessa forma diminuir o preconceito e a discriminação racial que ainda é visível em nossa sociedade.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> DIAS, Alex Martins. O mito e suas ideologias na obra Sikulume e outros contos africanos. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em: . Acesso em: 07/03/2017. ISBN . 978-85-8015-075-9.

\_\_\_\_\_. Sikulume e outros contos africanos: o tema étnico-racial em sala de aula. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: . Acesso em 07/03/2017. ISBN 978-85-8015-076-6.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazem-se necessárias algumas reflexões acerca dos objetivos desta pesquisa e da inserção da literatura afro-brasileira nas séries do ensino fundamental.

Pode-se concluir que questões a respeito do resgate e da ressignificação de uma identidade e uma autoestima negra mais positiva no ambiente escolar tem sido tema de muitos estudos, dissertações, teses. Teorias estão sendo discutidas, revistas e construídas por meio da pesquisa.

Autores e obras estão saindo do anonimato em virtude da força do movimento negro e, também, das novas formas de divulgação em rede e por meio de trabalhos sérios que estão sendo desenvolvidos por educadores tanto na academia quanto em algumas escolas espalhadas pelo país.

A proposta de intervenção em formato de sequência didática para a inserção das obras e autores que compõem o *corpus* da pesquisa apresenta-se como uma metodologia produtiva para se trabalhar com o gênero conto, pois permite o acesso à leitura e, principalmente, às diversas formas de manifestações artísticas e culturais de temática africana e afro-brasileira.

A esse respeito, constatou-se durante a implementação parcial da sequência didática, por meio do envolvimento com as leituras, os debates orais e trabalhos realizados em sala de aula, que os estudantes participaram ativamente de todas as atividades proporcionadas, assim aprimorando as habilidades de leitura, escrita e expressão oral, mas, sobretudo, tiveram a oportunidade de refletir a respeito da sua própria identidade e, principalmente, acerca da identidade do outro.

Ao longo da execução parcial da sequência didática, os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer novos autores e obras literárias, contos, poemas, romances, e outros aspectos da cultura africana e afro-brasileira, que até o momento não faziam parte dos conteúdos ensinados no universo escolar, e quando tratados, apenas de forma superficial.

O referencial teórico apresentado ao longo da pesquisa tem como objetivo organizar as discussões, propiciar novas reflexões acerca da temática proposta e, também, oportunizar novas metodologias para o ensino-aprendizagem da literatura infantojuvenil de temática negra. Espera-se que esse referencial permita estabelecer diálogos entre as obras literárias levadas para sala de aula, os resultados obtidos

com a sua aplicação, bem como os conceitos de identidade, educação étnico-racial e literatura infantojuvenil.

Os resultados alcançados por meio da aplicação parcial da sequência didática demonstram que é possível realizar um trabalho eficaz e satisfatório voltado para a inserção da literatura infantojuvenil afro-brasileira, pois são obras que instigam debates em torno da identidade, educação étnico-racial, racismo e preconceito, permitem aos estudantes posicionarem-se como leitores críticos, e assim, estarem aptos para combater e escapar a qualquer forma de preconceito e discriminação.

Espera-se que esta proposta de trabalho possa contribuir de forma positiva no contexto escolar, e que também venha ao encontro dos anseios e das necessidades de escolas e professores que desejam trabalhar com a temática do racismo e do preconceito e que muitas vezes por falta de tempo ou por desconhecimento mesmo, desconhecem essa literatura, autores e suas obras, e dessa forma, acabam negando aos alunos o acesso a essa riquíssima cultura.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ADA, Moses (referência sobre o poema do Brincar... colocar a citação do site Recanto das Letras).

ANDREI, Elena Maria; FERNANDES, Frederico Augusto Garcia **Cultura Afro-Brasileira: construindo novas histórias**. Idealiza Gráfica e Editora, 2007.

AZEVEDO, Ricardo. **Nossa rua tem um problema**. 10 ed. 5 impressão. São Paulo: Ática, 2002.

AZEVEDO, Ricardo. **Imagens iluminando livros**. Disponível em <[http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wpcontent/uploads/2014\\_imagens\\_iluminano\\_final\\_bx.pdf](http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wpcontent/uploads/2014_imagens_iluminano_final_bx.pdf)>. Acesso em 21 set. 2016.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In:\_\_\_\_\_.**Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes,1992

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. Apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari; posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo: Duas Cidades, 2002. (Coleção Espírito Crítico).

----- .**O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BRAZ, Júlio Emílio. **Sikulume e outros contos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnicoraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC-SECAD/SEPPIR /INEP, 2005.

BRASIL – **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)**. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais**. Brasília-DF: 2006. Disponível em: . Acessado em: 19/02/2016.

BRASIL. **Ministério da Educação. Educação Anti-Racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Coleção Educação para Todos. Brasília: MEC e Unesco, 2005.

BAHIA, Maria Carmem Batista. **A construção visual do livro infantil**. 107 p. Dissertação –Curso de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. Editora Brasiliense, 1988.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada: literatura e teoria**. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1980. v. 24.

CAMARGO, Luis. **Ilustração do livro infantil**. 2 ed. Belo Horizonte: LÊ, 1998.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004, 4<sup>o</sup> edição.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar – Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CAVALLEIRO, E. (org.) **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001

COLOMER, Tereza. **A Formação do Leitor Literário**. São Paulo, Global, 2003.

CORTÁZAR, Julio. “Alguns aspectos do conto”. In: **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DIAS, Alex Martins. **Sikulume e outros contos africanos: o tema étnico-racial em sala de aula**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em 07/03/2017. ISBN 978-85-8015-076-6.

\_\_\_\_\_. **O mito e suas ideologias na obra *Sikulume e outros contos africanos***. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em: 07/03/2017. ISBN . 978-85-8015-075-9.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia crítica**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. In: **DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v. 4 (História, teoria, polêmica). Belo Horizonte: Editora UFMG (2011b).

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil em sala de aula.** São Paulo, Contexto, 2004.

FERNANDES, Frederico A. G. **A voz e o sentido: poesia oral em sincronia.** São Paulo: Editora Unesp, 2007. 411p

FREITAS, Neli Klix, ZIMMERMANN, Anelise. **A ilustração de livros infantis –uma retrospectiva histórica.Da pesquisa –revista de investigação em artes,** volume 2, nº. 2, ago/2006 -jul/2007.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **“Literatura Negra, Literatura Afro-Brasileira: Como responder à polêmica?”** In: Literatura Afro-Brasileira. SOUZA, Florentina ; LIMA, Maria Nazaré(org.). Salvador:Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GANCHO, Cândida Vilarés. **Como analisar narrativas.** Editora Ática, 2002.

GIL, A. C. Como Classificar as Pesquisas? In: \_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa.** Editora Atlas, 2010.

GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do Conto.** 2º edição. Editora Ática, 1985.

GUTO, Lins. **Livro Infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade.** 2 ed. São Paulo: Rosari, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade.** 10ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HATTNER, Álvaro. **"A poesia negra na literatura afro-brasileira: exercícios de definição e algumas possibilidades de investigação."** In: *Terra roxa e outras terras*—Revista de Estudos Literários, v.17 A, 2009, p.78-89

JOVINO, Ione da Silva. **“Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil”.**In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). Literatura Afro-Brasileira. Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias.** Editora Atica, 1984.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** Editora Atica, 1983.

LIMA, Heloisa Pires. **Histórias da Preta.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília** In: CASTILHO, Suely Dulce. O Ser Negro e a Literatura Infanto-Juvenil. Cadernos Negros, São Paulo: Quilombhoje, v.27, 2004a.

MAIA, N.F. Brasil: **laboratório racial.** Petrôpolis: Vozes, 1973.

MEDEARIS, Angela Shelf. **Os sete romances: um conto de Kwanaa**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.204p.: il.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3.ed.-2.reimp.Coleção Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita apresentação de um procedimento**. In: Schneuwly, B; Dolz, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2004.

PIZA, E. **Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu**. In A. S. A., Guimarães & L. Huntley (Orgs.), *Tirando a máscara: ensaios sobre racismo no Brasil* (pp. 97-126). São Paulo: Paz e Terra (2000).

SALEM, Nazira. **História da literatura infantil**. Editôra Mestre Jou, 1959.

SILVA, Luciana Lauria da.; SILVA, Katia Gomes da. **O negro na literatura infanto-juvenil afro-brasileira**. Revista Thema, v. 8, número especial, 2011, p.1-11

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras**. In: MUNANGA, Kabengele (org). Superando o racismo na escola. Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SPOSATI, Aldaíza. **Mapa da exclusão/inclusão social**. *Comciência*, n. 36, out. 2002. Disponível em: . Acesso em: 13 jul. 2016.

VENERI, Tadeu, **Assédio Moral**. Assembleia Legislativa do Paraná, 2012.

ZILBERMAN Regina ; LAJOLO Marisa. **Literatura Infantil Brasileira História e Histórias**. Editora Ática, Série Fundamentos, 2ª edição 1985.